

VIETNÃ: O GRANDE BENEFICIÁRIO (ATÉ AGORA) DA DISPUTA COMERCIAL E TECNOLÓGICA ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA?

André Pineli¹

SINOPSE

Um aspecto notável da globalização é a centralidade assumida pela China nas etapas industriais das cadeias globais de valor (CGVs). Essa posição foi, contudo, desafiada por dois fenômenos nos anos 2010: a adoção, por empresas multinacionais, de estratégias *China plus one*, visando reduzir sua dependência da China, e, a partir de 2018, a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, que resultou em redução no comércio bilateral. Nesse contexto, o Vietnã emergiu como um ponto nodal entre as duas potências, sendo visto por ambas como parceiro preferencial para estratégias de *friendshoring*. Contribuiu para isso a relativa equidistância da política externa vietnamita, que, por meio da “diplomacia de bambu”, evita o alinhamento a um país específico. O Vietnã não apenas expandiu suas exportações para os Estados Unidos e importações da China, mas também atraiu investimentos diretos de empresas da China e de outras economias asiáticas que miram o mercado americano. A análise revela que o Vietnã não se limitou a um papel periférico, aumentando a adição local de valor e iniciando uma difícil ascensão a posições mais vantajosas nas CGVs. Com isso, e considerando o desempenho de outras economias que poderiam se beneficiar do *friendshoring*, conclui-se que o Vietnã foi o maior beneficiário da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China até o momento.

Palavras-chave: Vietnã; China; Estados Unidos; guerra comercial; cadeias globais de valor.

ABSTRACT

A remarkable feature of globalization is the centrality of China in the industrial stages of global value chains (GVCs). This position, however, was challenged by two phenomena in the 2010s: the adoption, by multinational enterprises, of “China plus one” strategies aimed at reducing their dependence on China, and, from 2018 onward, the trade war between the United States and China, which resulted in reduced bilateral trade. In this context, Vietnam emerged as a nodal point between the two powers, being viewed by both as a preferred partner for friendshoring initiatives. Contributing to this was the relative equidistance of Vietnamese foreign policy, exemplified by its “bamboo diplomacy”, which avoids alignment with any specific country. Vietnam not only expanded its exports to the United States and imports from China, but also attracted direct investments from companies in China and other Asian economies targeting the American market. Analysis reveals that Vietnam did not remain in a peripheral role, but rather increased local value addition and began a challenging ascent to more advantageous positions within GVCs. Consequently, and considering the performance of other economies that could have benefited from friendshoring, it is concluded that Vietnam has been the top beneficiary of the trade war between the United States and China to date.

Keywords: Vietnam; China; United States; trade war; global value chains.

JEL: F5; F6; F13; F14; F21.

Artigo recebido em 13/3/2025 e aprovado em 2/4/2025.

DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/bepi40art5>

1. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos Internacionais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dinte/Ipea). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0404-9608>. E-mail: andre.pineli@ipea.gov.br.

1 INTRODUÇÃO

Uma das características e, ao mesmo tempo, um dos determinantes do processo de globalização produtiva das últimas décadas é a fragmentação da produção, com diferentes estágios das cadeias produtivas sendo desenvolvidos em diferentes localidades, conforme as respectivas vantagens comparativas. Esse processo de desverticalização da produção suscitou a construção de cadeias globais de valor (CGVs) de governança complexa, assim como demandou o estabelecimento de sistemas logísticos e de suporte comercial ágeis e eficientes, uma vez que os bens intermediários passaram a cruzar fronteiras múltiplas vezes antes de serem integrados em um bem final.

Atraídas inicialmente pelos baixos custos de mão de obra, por um gigantesco mercado consumidor potencial e por variados e generosos incentivos oferecidos pelos governos central e regionais, empresas multinacionais (EMNs) de diferentes origens constituíram operações na China, diretamente por meio da instalação de plantas industriais ou indiretamente mediante a subcontratação da produção de terceiros.² A integração da China nas etapas industriais das CGVs lideradas por EMNs contribuiu enormemente para transformar a China em *fábrica do mundo*, elevando sua participação no valor adicionado da indústria de transformação mundial de 4,3%, em 2000, para 18,2%, em 2010, e 31,2%, em 2022.³

Entretanto, a concepção de mundo que levou a tal desfecho encontra-se atualmente em xeque, uma vez que eficiência – leia-se, custos – deixou de ser o único guia para a divisão internacional do trabalho. Fatores geopolíticos, frequentemente embrulhados em uma noção ampla de segurança, mas que no fundo refletem uma árdua competição entre as grandes potências pela liderança em tecnologias-chave, são cada vez mais levados em conta nas escolhas dos destinos de investimento direto estrangeiro (IDE), uma vez que barreiras comerciais podem anular ou mesmo reverter qualquer vantagem de custo de uma localidade. Uma guerra comercial mais desbragada entre as grandes potências poderia até mesmo, no limite, levar a uma volta (ao menos parcial) ao modelo de organização das EMNs que imperava até os anos 1970, no qual cada subsidiária operava como uma réplica em miniatura da empresa-mãe, com baixa especialização e elevados graus de verticalização.

Os riscos associados à excessiva concentração em território chinês têm levado muitas EMNs a adotar estratégias do tipo *China plus one* – ou simplesmente *China plus* –, por meio das quais buscam diversificar investimentos industriais e fornecedores em países como Índia, Turquia, México e as economias da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean).⁴

Esse movimento se intensificou a partir de 2018, quando foram desferidos os primeiros disparos da guerra comercial travada pelas duas maiores economias do planeta, que escalou nos anos seguintes. Embora a saída de Donald Trump da presidência dos Estados Unidos, em 2021, tenha contribuído para esfriar a retórica conflituosa, o governo Joe Biden não reverteu os aumentos nas alíquotas de importação impostos à China, indicando que a guerra comercial-tecnológica tem a anuência tanto do Partido Republicano quanto do Democrata.

2. Esse processo de expansão das CGVs não se limitou, todavia, à China, tendo sido marcante em todo o Sudeste Asiático, bem como na Europa Oriental.

3. Conforme a Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (United Nations Industrial Development Organization – UNIDO). Disponível em: <https://stat.unido.org/data/download?dataset+=national-accounts>.

4. A Asean é integrada pelas seguintes economias: Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Singapura, Tailândia e Vietnã.

Estudos recentes já conseguiram identificar a influência de fatores geopolíticos sobre as escolhas locais de novos investimentos de EMNs no exterior, com indícios de movimentos de *nearshoring* (relocalização para países mais próximos ao país-sede da EMN) e, especialmente, *friendshoring* (relocalização para países alinhados geopoliticamente ao país-sede da EMN).⁵

A difusão de estratégias *China plus one*, somada à guerra comercial, já afetou significativamente a geografia do comércio internacional – em 2023, o valor das importações americanas provenientes da China foi 20,5% inferior ao de 2018, a despeito de as importações totais do país terem crescido 21,4% no período.⁶ Obviamente, o lugar anteriormente ocupado pela China foi preenchido por outras economias. Quem mais ganhou em termos absolutos foram os dois parceiros no Acordo Estados Unidos-México-Canadá (United States-Mexico-Canada Agreement – USMCA) e o Vietnã, que viu suas exportações para os Estados Unidos saltarem de US\$ 51,3 bilhões para US\$ 118,9 bilhões em apenas cinco anos.

Considerando-se o alto grau de integração preexistente entre as economias americana, canadense e mexicana, estimulado pelo precursor do USMCA – o Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (North American Free Trade Agreement – Nafta), de 1994 –, o Vietnã desponta como o grande ganhador da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China. Buscando corroborar essa afirmação, este artigo analisa o papel do Vietnã na reconfiguração das CGVs, olhando para seu lugar nas estratégias *China plus one* e para os impactos sobre os fluxos comerciais e de investimentos para o país. O artigo também investiga como o Vietnã faz para se equilibrar geopoliticamente entre as duas potências crescentemente rivais. Com base nas evidências reunidas, que indicam evolução não apenas em indicadores quantitativos, mas também um início de ascensão do Vietnã nas CGVs, o artigo conclui com uma resposta afirmativa para a pergunta do título.

Contando esta introdução, o artigo possui seis seções. A seção 2 faz um retrospecto das relações políticas do Vietnã com a China e os Estados Unidos, com ênfase no período recente. A seção 3 relata, de forma sucinta, as transformações vividas pela economia vietnamita desde a adoção do programa de abertura e reformas, em 1986. A seção 4 aborda o ingresso do Vietnã nas CGVs de produtos eletrônicos, olhando em maior profundidade o caso da Samsung. A seção 5 discute a estratégia *China plus one* e avalia os efeitos da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China sobre a inserção do Vietnã nos fluxos comerciais e de IDE, assim como seu progresso nas CGVs, especialmente a de produtos eletrônicos. Fechando o artigo, a seção 6 repassa os principais pontos abordados nas seções anteriores e discute as perspectivas futuras, tendo como pano de fundo o aprofundamento da guerra comercial no início do segundo mandato de Trump.

5. Usando dados de operações de IDE do período 2003-2022, Aiyar, Malacrino e Presbitero (2024) identificam que o alinhamento geopolítico (medido pelo padrão de votação na Assembleia Geral das Nações Unidas) interfere nas escolhas locais dos investimentos das MNEs, sendo particularmente importante no caso de investimentos em países de renda média ou baixa. O estudo também captou um aumento do peso dos fatores geopolíticos nas escolhas locais do IDE a partir de 2018, ou seja, desde o acirramento das tensões entre Estados Unidos e China. Conforme Alfaro e Chor (2023), é possível identificar um aumento no uso de expressões como *nearshoring* e *friendshoring* nos relatórios publicados pelas EMNs americanas desde 2018.

6. Conforme a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (United Nations Conference on Trade and Development – UNCTAD). Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/EN>.

2 DIPLOMACIA DE BAMBU

Por razões geográficas, a China é um parceiro incontornável para o Vietnã. Por isso, o grande desafio da política externa vietnamita está em manter uma relação estável, pacífica e de benefício mútuo com a China, sem, no entanto, abrir mão de sua soberania. Num mundo em que o peso do vizinho é cada vez maior, para que o Vietnã consiga reduzir sua dependência em relação à China, o aprofundamento das suas relações com esta deve envolver a busca simultânea pela intensificação das relações com outros parceiros na Ásia e também fora dela.

O Vietnã descreve sua própria política externa como “diplomacia de bambu”, que pode ser entendida como a busca dos interesses nacionais por meio de políticas externas flexíveis, de acordo com o ambiente externo e a situação doméstica, mantendo autonomia estratégica em vez de alinhar-se com algum país específico (Shoji, 2024).⁷ O Vietnã segue uma política de diversificação e multilateralização das relações exteriores, e busca tornar-se amigo de todas as nações na comunidade internacional (Tran, 2015, p. 88). Desde o fim da Guerra Fria, o país segue a política dos “três não” (*“three nos” policy*): não permitir bases estrangeiras em seu território, não participar de alianças militares e não se alinhar a um país contra outros países (Tran, 2015, p. 89). Em 2019, foi incorporado um quarto “não”: não empregar, ou ameaçar empregar, violência nas relações internacionais (Zeberlein, 2024). Com isso, o país busca entrelaçar os interesses de todas as principais potências no país e assim evitar cenários de excessiva dependência de uma potência, o que lhe dá mais graus de liberdade para conduzir suas políticas visando ao desenvolvimento. A melhor maneira de preservar sua independência e maximizar sua margem de manobra é não se alinhar a nenhum país.

2.1 Relações com a China

Complexa é o termo usualmente adotado para definir as relações entre o Vietnã e a China (Le, 2019). Para além de questões mal resolvidas de tempos muito distantes, os dois países viram-se em campos opostos quando houve a cisão do mundo comunista, com o Vietnã alinhando-se à União Soviética. Em 1979, a China e o Vietnã enfrentaram-se em uma guerra que, a despeito de ter durado apenas um mês, causou severas perdas em termos de vidas e de estruturas industriais e agrícolas ao Vietnã. Os dois países só restabeleceram plenamente as relações em 1991, dois anos após a retirada das tropas vietnamitas do Camboja, país cuja invasão pelo Vietnã em 1978 motivou a guerra sino-vietnamita – a China era aliada do governo do Khmer Vermelho, que comandava o Camboja. Com a normalização das relações, os dois países têm feito esforços para promover um relacionamento pacífico, estável e cooperativo (Le, 2019). Com esse intuito, firmaram acordos de comércio (1991), de proteção de investimentos (1993) e para evitar bitributação (1996), entre outros. Em 2000, os dois países estabeleceram uma cooperação abrangente, relação que foi elevada em 2008 para uma parceria estratégica abrangente.

Todavia, de tempos em tempos, as relações entre os dois países estremececem. A questão mais complicada – e ainda longe de solução – diz respeito às disputas territoriais no mar do Sul da China,

7. O conceito de diplomacia de bambu foi introduzido em 2016 pelo então secretário-geral do Partido Comunista do Vietnã, Nguyen Phu Trong. Assim como o bambu é capaz de manter-se firme e resiliente na presença de ventos fortes, a política externa do Vietnã deve ser flexível o bastante para preservar a autonomia do país em um ambiente internacional turbulento. Em termos práticos, isso significa o engajamento do país em múltiplas frentes, envolvendo tanto organizações internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e a Asean, quanto parcerias com potências econômicas rivais, como a China e os Estados Unidos, sem, no entanto, alinhar-se a nenhuma delas (Phan e To, 2022).

que envolvem particularmente as ilhas Paracel e Spratly e suas respectivas zonas econômicas exclusivas (Moraes, 2015). Em 2014, após embates nessa região marítima, ocorreram protestos contra a China no Vietnã que esfriaram fortemente a relação entre os dois países e reavivaram a percepção de ameaça chinesa na região do mar do Sul da China.⁸

Há uma certa discrepância entre as percepções dos líderes e da população vietnamita a respeito da China. Em manifestações públicas, os líderes vietnamitas sempre atribuem grande importância ao desenvolvimento de relações amigáveis e cooperativas com a China. Diversos mecanismos inter-governamentais de cooperação foram implementados, e são comuns as visitas de alto nível entre as lideranças das duas nações comunistas. No entanto, a população vietnamita frequentemente revela visão negativa da China. De acordo com pesquisa realizada pelo Pew Research Center em 2017, 80% da população via a China de forma negativa e considerava o poder e a influência deste país como a maior ameaça ao Vietnã – número comparável ao captado pela pesquisa na Coreia do Sul (83%), mas superior ao do Japão (64%), das Filipinas (47%), da Índia (44%) e da Indonésia (43%) (Silver, 2017).

2.1.1 O Vietnã na Nova Rota da Seda

No segundo semestre de 2013, durante visitas ao Cazaquistão e à Indonésia, o presidente chinês Xi Jinping lançou a Iniciativa Cinturão e Rota (Belt and Road Initiative – BRI),⁹ um conjunto ambicioso de projetos de investimento chineses no exterior, focados majoritariamente em infraestrutura, que, segundo o discurso oficial, buscam ampliar a conectividade e o comércio globais. No Cazaquistão, o presidente chinês anunciou a intenção de reviver a antiga Rota da Seda, integrando o oeste da China à Ásia Central e Ocidental, à Rússia e à Europa por meio do Cinturão Econômico da Rota da Seda. Na Indonésia, a ênfase recaiu sobre a Rota da Seda Marítima do Século XXI, que busca aprofundar a integração da China com os países do Sudeste Asiático. Inicialmente voltada à Eurásia, atualmente a BRI abarca todos os continentes. Nações interessadas podem aderir à BRI por meio da assinatura de memorandos de entendimento – em fevereiro de 2025, a BRI contava com 145 adeptos.¹⁰ É importante ressaltar, todavia, que a adesão à BRI não é imprescindível para receber investimentos chineses – o Brasil, um dos maiores receptores desses investimentos em anos recentes, não é signatário.

Apesar de ser vendida pelo governo chinês como algo benéfico (*win-win*) tanto para a China como para os países parceiros (Le, 2019), é inegável que o objetivo central da BRI é assegurar o desenvolvimento e a segurança do gigante asiático no longo prazo (Mendonça, Lopes Filho e Oliveira, 2021). No curto prazo, a iniciativa serve também para ocupar a enorme capacidade ociosa acumulada pelas indústrias da China ao longo dos anos, especialmente por conta dos estímulos ao investimento introduzidos após a crise financeira global de 2008, e para difundir tecnologias desenvolvidas por empresas chinesas, visando consolidar o país como o líder tecnológico do século XXI.

8. Em 2 de maio de 2014, uma plataforma de petróleo da estatal chinesa China National Offshore Oil Corporation (CNOOC) estacionou em uma área reivindicada pelos dois países próxima às ilhas Paracel, no mar do Sul da China, o que inflamou as relações entre os dois países. Uma onda de protestos violentos antichineses tomou conta do Vietnã nos dias seguintes. Para mais detalhes sobre o episódio, ver Whiteman (2014).

9. Originalmente Um Cinturão, Uma Rota (One Belt, One Road), o projeto passou a ser chamado dessa forma a partir de 2016.

10. Disponível em: <https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri>. Dois países – Itália e Panamá – deixaram a iniciativa após terem assinado memorandos de entendimento com o governo chinês.

O Vietnã aderiu formalmente à BRI em 2017, porém até recentemente não possuía projetos de maior envergadura, diferentemente de vizinhos como o Camboja e o Laos, onde há grandes projetos de energia, saneamento, comunicações, transporte, entre outros. Os dois únicos projetos com a assinatura da BRI no Vietnã dizem respeito a uma linha de metrô em Hanói e uma unidade de geração de energia a carvão (Vinh Tan 3).

Apesar dos acenos diplomáticos favoráveis e da necessidade de investimentos em infraestrutura, os líderes vietnamitas têm tido uma postura hesitante em relação à BRI. Eles enxergam na BRI uma iniciativa inovadora, que salienta a cooperação e que, por isso, oferece oportunidade de ganhos reais para o país. A disposição de aderir convive, entretanto, com o sentimento de suspeição (Vu, Soong e Nguyen, 2021). Além das questões históricas envolvendo os dois países – vale lembrar que a BRI foi lançada em um momento no qual as tensões no mar do Sul da China estavam escalando –, há o receio de se criar uma dependência em relação à China, particularmente via endividamento, e de se gerarem obstáculos às demandas territoriais e marítimas do Vietnã (Tran, 2015; Le, 2019; Hiep, Kiet e Yen, 2023).

O ceticismo em relação à BRI é reforçado pelo sentimento de desconfiança da população em relação à China (Ha, 2023). Segundo pesquisa realizada em 2019, a população vietnamita era a mais cética em relação à BRI entre os países da Asean – enquanto no Laos 75,6% dos entrevistados achavam que a BRI iria beneficiar o desenvolvimento da região da associação, apenas 9,9% dos vietnamitas tinham a mesma opinião (Iseas, 2019).

O acesso a outras fontes de financiamento – como os governos do Japão e da Coreia do Sul, assim como os bancos de desenvolvimento multilaterais – e a elevada taxa de investimento público – cerca de 6% do produto interno bruto (PIB) – tornam menos imprescindível um maior engajamento do Vietnã na BRI. Contudo, à medida que maturam investimentos chineses em portos, estradas, ferrovias e hidrovias em países como o Laos e o Camboja, parece estar havendo uma reavaliação, no Vietnã, dos riscos e benefícios associados à BRI, assim como aumenta a preocupação com a perda de competitividade do Vietnã *vis-à-vis* aqueles países.

A China quer aumentar a integração do Vietnã à sua economia, especialmente ao *hub* industrial meridional, por meio da iniciativa Dois Corredores, um Cinturão (Two Corridors, One Belt), que busca ligar as províncias vietnamitas ao norte com as cidades chinesas de Nanning e Kunming – *um cinturão* refere-se à área econômica próxima ao golfo de Tonkin. A ideia dos dois corredores foi lançada antes mesmo da BRI, durante visita do primeiro-ministro vietnamita Van Khai à China em 2004, porém a iniciativa mal saiu do papel até recentemente. Em 19 de fevereiro de 2025, o Parlamento do Vietnã aprovou a assunção de financiamentos chineses para a construção da parte vietnamita da ferrovia, cujos custos são estimados em mais de US\$ 8 bilhões, que deverá ligar a cidade portuária de Haiphong, passando pela capital Hanói, até a fronteira com a China, em Lao Cai. Os recursos devem vir diretamente do governo chinês, assim como do Export-Import Bank of China (China Eximbank) (Hai, 2025). Se efetivado, será um dos maiores projetos da BRI no Sudeste Asiático.

2.2 Relações com os Estados Unidos

Na memória popular, a relação entre os Estados Unidos e o Vietnã está indissociavelmente ligada à Guerra do Vietnã, cujas consequências foram devastadoras para o país asiático. Estimativas do número de mortos em decorrência do conflito variam de 966 mil, entre 1965 e 1975 (Hirschman, Preston e Loi, 1995), a 3,812 milhões, entre 1955 e 2002 (Obermeyer, Murray e Gakidou, 2008).

A infraestrutura foi aniquilada, e vastas porções do país tornaram-se campos minados ou foram contaminadas por armas químicas como o agente laranja, cujos efeitos catastróficos perduram até os dias atuais.¹¹

Meio século após o seu fim, a natureza do conflito ainda é objeto de disputas, mesmo entre estudiosos que tentam abordar o tema equilibrando as perspectivas vietnamita e americana. Asselin (2013; 2024) o define como fundamentalmente uma guerra civil interna envolvendo três grupos – o governo comunista do Vietnã do Norte, seus aliados da Frente Nacional de Libertação (Viet Cong) e o governo anticomunista do Vietnã do Sul – que foi, contudo, enormemente exacerbado pela intervenção de forças estrangeiras. Segundo esse autor, cujos estudos são baseados principalmente em documentos vietnamitas e enfatizam as dinâmicas políticas e sociais internas, a guerra teria decorrido de visões conflitantes sobre o futuro do Vietnã. Para os comunistas, que viam o governo do Vietnã do Sul como uma marionete dos Estados Unidos, a guerra seria uma continuação da luta anticolonial travada contra a França (1945-1954) e teria como objetivo unificar o Vietnã sob um governo socialista, dando fim à revolução (incompleta) de 1945 interrompida pelos acordos de Genebra (1954), que dividiram o país em partes norte (comunista) e sul (capitalista). Contudo, mesmo enfatizando o caráter doméstico, Asselin (2013; 2024) não ignora a dimensão internacional da guerra, particularmente a partir de 1965, com a escalada da intervenção americana e a intensificação da Guerra Fria.

De fato, para a maior parte dos pesquisadores, a Guerra do Vietnã é indissociável do contexto da Guerra Fria. Bradley (2009) destaca que o Vietnã se tornou não apenas um campo de batalha militar, mas também ideológico. Ao longo do conflito, o apoio da União Soviética e da China ao lado comunista foi, principalmente, logístico e financeiro. Por seu turno, o envolvimento americano foi não apenas profundo, mas também crescente ao longo do tempo: do fornecimento de apoio financeiro e militar logo após a partição do Vietnã, passou-se ao engajamento direto de combatentes na década seguinte, sob o argumento de que era necessário impedir o avanço do comunismo pelo Sudeste Asiático. O assassinato do presidente John Kennedy, adepto da “teoria do efeito dominó”,¹² em 1963, não obstruiu a escalada do envolvimento americano. Ao contrário, este continuou em ascensão nos anos seguintes, sob os governos de Lyndon Johnson e Richard Nixon, atingindo o ápice em 1969, quando mais de meio milhão de militares americanos estavam em campo no Vietnã.

Na perspectiva vietnamita – difundida, por exemplo, nos livros didáticos de história –, a guerra foi sobretudo uma luta heroica por libertação, o que lhe confere um caráter de resistência nacional contra potências colonialistas e imperialistas (Schwenkel, 2009; Hunt, 2010; Eyerman, Madigan e Ring, 2023). A Guerra do Vietnã é comumente chamada de Segunda Guerra de Resistência, uma continuação quase direta da primeira, travada contra os colonizadores franceses (Joseph, 2008). A leitura vietnamita também enfatiza o caráter internacional do conflito, evitando, assim, caracterizá-lo

11. O agente laranja é um desfolhante despejado pela Força Aérea dos Estados Unidos durante a guerra para destruir a densa vegetação que servia de esconderijo aos combatentes vietnamitas. Entre seus componentes está a dioxina, substância altamente tóxica que pode causar câncer, problemas no fígado, malformações congênitas, entre outros graves problemas de saúde. O Vietnã estima que milhões de pessoas foram afetadas pelo agente laranja, incluindo 150 mil crianças que nasceram com defeitos congênitos graves. Décadas após o fim da guerra, netos ou mesmo bisnetos da população inicialmente exposta à contaminação continuam a nascer com deficiências graves em taxas muito superiores à considerada normal (Walker, 2015). Uma evidência da gravidade da exposição ao produto está no fato de os Estados Unidos pagarem compensações a seus veteranos de guerra que foram expostos a ele (Agent., 2019).

12. Proposta pelo presidente Harry Truman, nos anos 1940, para justificar o envio de ajuda à Grécia e à Turquia, a teoria do efeito dominó foi popularizada na década seguinte, no contexto do Sudeste Asiático, pelo presidente Dwight Eisenhower, e foi usada por diferentes administrações americanas na defesa do crescente envolvimento do país na Guerra do Vietnã. A teoria postulava que, se um país se tornasse comunista, seus vizinhos tomariam o mesmo caminho, emulando, desta forma, a sequência de dominós caindo um após o outro.

como guerra civil. Em vez disso, ela é descrita como um campo de batalha da Guerra Fria, um choque ideológico, que descambou para o militar, entre os mundos capitalista e socialista. Sob este ponto de vista, a causa do conflito não deve ser buscada na disputa ideológica entre diferentes grupos da sociedade vietnamita, mas sim nos Estados Unidos, adeptos da teoria do efeito dominó, que teriam sido os principais fomentadores do conflito (Joseph, 2008).

A despeito das diferenças de ênfase, a maior parte dos estudiosos converge para a visão de que a Guerra do Vietnã – chamada pela maior parte da população vietnamita de Guerra Americana – foi tanto uma guerra civil quanto um conflito internacional, intrinsecamente ligada à luta anticolonial e moldada pela geopolítica da Guerra Fria. Por um lado, foi uma guerra civil com raízes históricas e ideológicas profundas no Vietnã, que buscava a unificação e o livramento da condição colonial. Por outro lado, a dinâmica interna foi dramaticamente amplificada e transformada pela intervenção das grandes potências da Guerra Fria, que a inseriram em um tabuleiro geopolítico maior, conferindo-lhe inegável caráter de conflito internacional.

Embora a imagem dos Estados Unidos tenha sido inicialmente muito afetada pela guerra, tanto no Vietnã como em outros países, devido, entre outros fatores, ao emprego de armas químicas, à tortura de prisioneiros e ao massacre contra civis, a visão vietnamita a respeito do país começou a mudar a partir do afrouxamento do regime comunista, na segunda metade dos anos 1980, e das perspectivas econômicas positivas abertas pelo restabelecimento das relações entre os países. Mesmo com o fim da guerra e a reunificação, em 1975, os Estados Unidos mantiveram o Vietnã sob embargo comercial até 1994. As relações diplomáticas foram normalizadas apenas no ano seguinte. Porém, desde então, os Estados Unidos se converteram em um dos parceiros mais importantes do Vietnã – em 2000, os dois países assinaram um acordo comercial e, no ano seguinte, um acordo de investimentos. Além do poderio militar, útil para a contenção das pretensões territoriais da China no Sudeste Asiático, os Estados Unidos ainda são a economia mais poderosa do mundo e um enorme mercado para os produtos vietnamitas.

O Vietnã é, juntamente com as Filipinas, o país da Asean no qual os Estados Unidos possuem a melhor imagem, comparativamente à China, perante a população (Iseas, 2024; Ritter e Ray, 2024).¹³ Nos últimos anos, as relações dos Estados Unidos com o Vietnã se tornaram mais cooperativas e profundas, com várias visitas de alto nível. Em setembro de 2023, o presidente Joe Biden e o secretário-geral do Partido Comunista do Vietnã Nguyen Phu Trong elevaram a relação entre os dois países para uma parceria estratégica abrangente, a mais alta no cânone diplomático do Vietnã.¹⁴ Durante a visita de Biden ao Vietnã, os dois países se comprometeram a cooperar para a construção de uma

13. O Iseas – Yusuf Ishak Institute realiza anualmente uma pesquisa de percepções acerca de questões geopolíticas que afetam os países da Asean. Na pesquisa de 2024, detectou-se elevação na popularidade da China *vis-à-vis* os Estados Unidos. Na amostra completa, que reúne respondentes de todos os países da Asean, quando perguntados à qual superpotência preferem se alinhar, o alinhamento à China subiu de 38,9% para 50,5% entre 2023 e 2024. No Vietnã, o alinhamento à China permaneceu baixo, caindo de 22,1% para 21%, sendo superior apenas ao verificado nas Filipinas (16,7% em 2024). Em outros países, no entanto, houve um aumento substancial do alinhamento à China, especialmente no Camboja, na Indonésia, no Laos e na Malásia, países que se beneficiaram bastante da BRI. Em comum com o Vietnã, as Filipinas enfrentam disputas com a China envolvendo o mar do Sul da China. Quando perguntados se os Estados Unidos são um parceiro estratégico confiável, apenas 34,9% responderam afirmativamente na amostra geral, sendo as visões mais favoráveis encontradas nas Filipinas (60,4%) e no Vietnã (52%) (Iseas, 2024).

14. O Vietnã possui parcerias estratégicas abrangentes com nove países: China (2008), Rússia (2012), Índia (2016), Coreia do Sul (2022), Estados Unidos (2023), Japão (2023), Austrália (2024), França (2024) e Malásia (2024). A parceria com os Estados Unidos teve início em 2013, quando os dois países firmaram uma “parceria abrangente”, sem o uso do termo “estratégica”. Em 2023, essa relação foi elevada para uma parceria estratégica abrangente. A relação com a China assumiu o caráter de “cooperação abrangente” em 2000, sendo elevada ao grau mais alto em 2008. Conforme o linguajar comumente utilizado, parceria ou cooperação abrangente é o nível mais baixo de parceria, que é seguida pela parceria estratégica e, finalmente, no nível mais elevado, pela parceria estratégica abrangente.

cadeia de valor de semicondutores, envolvendo inclusive terras raras, no bojo da política americana de limitar o acesso da China a semicondutores avançados (Lakshmi, 2024; Shoji, 2024). Analistas das relações exteriores do Vietnã identificam na visita de Xi Jinping a Hanói, ocorrida em dezembro de 2023, uma rápida resposta do gigante asiático à elevação das relações dos Estados Unidos com o Vietnã celebrada três meses antes (Nguyen, 2023; Shoji, 2024). Na ocasião, foram anunciados nada menos que 37 acordos de cooperação em áreas as mais diversas entre o Vietnã e a China.

Com o estabelecimento da parceria estratégica abrangente, os Estados Unidos e o Vietnã reafirmaram seu compromisso de facilitar o acesso aos respectivos mercados. O lado americano também se comprometeu a revisar o *status* de economia de mercado do Vietnã (Mai, Poling e Quitzon, 2024). Contudo, em agosto de 2024, o Departamento de Comércio dos Estados Unidos determinou que o Vietnã continuaria a ser classificado como país sem economia de mercado (*non-market economy*).

Apesar dos esforços, é inequívoco que existem limites à diversificação de parcerias. Como enfatizam Grossman e Orner (2021, p. 104, tradução nossa), “realidades econômicas e geopolíticas impedem o Vietnã de se alinhar contra a China ou colaborar com os Estados Unidos de forma expressiva”.¹⁵

3 ABERTURA ECONÔMICA E REFORMAS

Entre 1954 e 1986, o regime comunista do Vietnã seguiu uma linha econômica similar à da União Soviética, caracterizado pelo planejamento centralizado e marcado por inúmeras distorções e ineficiências (Kien e Heo, 2008). Contudo, em meio a crescentes dificuldades econômicas – e sob circunstâncias geopolíticas muito difíceis¹⁶ –, o país embarcou em 1986 em um programa de reformas econômicas chamado *Đổi Mới* (Renovação), que incluiu liberalização do comércio exterior, abertura ao investimento estrangeiro, flexibilização dos mercados internos, privatização, incentivos para reduzir o papel das estatais na produção nacional e regulamentações para aumentar a eficiência e a adesão ao mercado por essas empresas (Pinto e Corrêa, 2014).

Beneficiado pela possibilidade de observar os erros e acertos da China, cujo processo gradual de abertura e reformas tivera início oito anos antes, o Vietnã logo colheu os primeiros frutos. O PIB aumentou 8,4% ao ano entre 1990 e 1997, enquanto o valor adicionado pela indústria de transformação cresceu ainda mais rápido, 11,1% ao ano.

Desde o início da década de 1990, a estratégia econômica do Vietnã se concentrou na rápida integração à economia global (Thoburn, 2013), não apenas por meio de exportações, mas especialmente pela atração de IDE. Eventos importantes que aprofundaram o envolvimento do país na economia internacional e consolidaram sua liberalização unilateral interna (Athukorala, 2006) incluem: adesão à Asean em 1995 (e à sua área de livre-comércio no ano seguinte); assinatura de um acordo comercial bilateral com os Estados Unidos em 2000; assinatura, por meio da Asean, de um acordo de livre-comércio com a China em 2002; e adesão à OMC em 2007.

15. No original: “*economic and geopolitical realities prevent Vietnam from aligning against China or collaborating with the U.S. to any significant extent*”.

16. “O país estava à beira de se tornar um Estado pária: sem relações com os Estados Unidos; em conflito com seus vizinhos, a China ao norte e a Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean) ao sul e oeste; na iminência de perder o suporte de seu principal benfeitor, a União Soviética; e com contato mínimo com as instituições financeiras internacionais” (Hill, 2013, p. 114, tradução nossa). No original: “*The country was verging on being a pariah state: frozen out of relations with the US; at loggerheads with its neighbors, the PRC to the north and the Association of Southeast Asian Nations (Asean) to the south and west; about to lose the support of its principal international benefactor, the Soviet Union; and having minimal contact with international financial institutions (IFIs)*”.

A concessão de benefícios fiscais tem sido, historicamente, o principal instrumento utilizado pelo Vietnã para a atração de investimentos externos. Em contrapartida, mecanismos baseados em desempenho, como metas de exportação e exigências de percentuais mínimos de conteúdo local ou de gastos em pesquisa e desenvolvimento (P&D), não são utilizados, tendo sido explicitamente vetados pela nova Lei de Investimentos em vigor desde 2006. No processo de acesso à OMC, também foi exigida a permissão de constituição de subsidiárias com 100% de capital estrangeiro, o que levou a uma substancial redução, nos anos seguintes, na formação de *joint ventures* com investidores locais – cabe lembrar que esta modalidade de investimento está por trás de parte significativa dos transbordamentos (*spillovers*) tecnológicos de EMNs para empresas domésticas na China (Bai *et al.*, 2023; Jiang *et al.*, 2024).

Ngoc (2018) periodiza a política comercial pós-Đổi Mới conforme suas características principais: 1986-1996 – política de substituição de importações; 1996-2007 – política industrial orientada para a exportação com protecionismo comercial para indústrias selecionadas; 2007-2015 – política de promoção de exportações com liberalização comercial; e 2015 em diante – políticas de promoção de exportações com foco em serviços. Apesar da redução dos controles administrativos e das barreiras comerciais não tarifárias, estudos realizados no final da década de 1990 e no início da década de 2000 descobriram que a política comercial do Vietnã ainda era voltada para dentro, favorecendo a substituição de importações em várias indústrias. Em 2003, as taxas de proteção efetivas permaneciam altas, com tarifas mais altas para bens nas etapas finais das cadeias de produção. Algumas indústrias eram fortemente protegidas, como bebidas e tabaco, produtos plásticos, têxteis e veículos automotores (Athukorala, 2006).

A fim de reduzir os efeitos de desincentivo das tarifas cobradas sobre os insumos usados pelas indústrias de exportação, o Vietnã implementou, em 1991, um programa de zonas de processamento de exportação (ZPEs) e de restituição de impostos (*drawback*) sobre insumos importados (Thoburn, 2013). No entanto, como o esquema beneficiava apenas os exportadores finais, o que significa que os produtores locais de bens intermediários que usavam insumos importados ao produzir para vender às empresas exportadoras não podiam usá-lo, ele criou um viés contra a criação de ligações a montante (*backward linkages*) na economia do país (Athukorala, 2006). Atualmente, existem quatro ZPEs no Vietnã.

No início da década de 2000, a indústria vietnamita tinha um caráter dual: a indústria pesada permanecia majoritariamente nas mãos de empresas estatais e era fortemente protegida por tarifas devido à sua falta de competitividade internacional, enquanto uma indústria separada, focada em exportações, estava principalmente sob controle de EMNs estrangeiras (Perkins e Anh, 2009). Em 2007, as empresas com investimento estrangeiro respondiam por 38% da produção industrial e 57% das exportações (Lim, 2011).

Passadas quase duas décadas, a situação não se alterou muito: em 2024, as empresas com capital estrangeiro foram responsáveis por 71,7% das exportações totais e 63,2% das importações totais do Vietnã. Com isso, contribuíram com US\$ 50,3 bilhões de superávit para o saldo comercial vietnamita de US\$ 24,9 bilhões. Até dezembro de 2024, o país acumulou 42.002 projetos de IDE, com capital registrado de US\$ 502,8 bilhões e capital efetivamente realizado de US\$ 322,5 bilhões. Do total registrado, 61,4% estavam direcionados à indústria de transformação, 14,6% ao setor imobiliário e 8,3% à produção e distribuição de energia. Quanto à origem, a maior parcela era proveniente da Coreia do Sul (17,9%), seguida por Singapura (16,5%), Japão, Taiwan e Hong Kong (Vietnam, 2025).

4 INGRESSO NAS CGVs DE PRODUTOS ELETRÔNICOS

Entre as economias do Sudeste Asiático, o Vietnã pode ser considerado um *latecomer* (retardatário) nas CGVs de produtos eletrônicos, porém teve ascensão relativamente rápida, ao menos em termos quantitativos. Em 2001, o país ocupava apenas o 47º lugar entre os exportadores mundiais de eletrônicos, mas subiu ao 10º posto em 2020, tornando-se o maior exportador desses produtos na Asean. Todavia, o envolvimento do país nas CGVs de eletrônicos ainda está fortemente concentrado em atividades de montagem – o *design* de produtos e a produção de componentes-chave, que juntos capturam a maior parte do valor nessas CGVs, ainda são realizados em outros países (Leung, 2022).

O ponto de virada da indústria eletrônica vietnamita é facilmente identificável: trata-se da decisão tomada pela Intel, em 2006, de construir uma planta para montagem e testes de semicondutores, cujas operações começaram em 2010. Na sequência, diversos outros atores globais desta indústria desembarcaram no país, incluindo a sul-coreana Samsung, atualmente a maior exportadora do Vietnã, cujo caso é detalhado na subseção 4.1.

O vertiginoso crescimento desta indústria no Vietnã é mostrado na tabela 1. Nos quinze anos posteriores ao desembarque da Intel, o emprego no setor de computadores e produtos eletrônicos e ópticos cresceu 1.378%, saltando de 58 mil postos de trabalho, em 2006, para 857 mil, em 2021 – em comparação, no mesmo ano, essa indústria empregava 397 mil pessoas na Tailândia e 250 mil nas Filipinas; na Malásia, eram 389 mil em 2020. Como pode ser visto na tabela 1, o crescimento foi particularmente elevado nos segmentos de equipamentos de comunicação, explicado pela inserção do país na CGV de *smartphones*, e de placas e componentes eletrônicos.

TABELA 1

Evolução do emprego na indústria eletrônica do Vietnã (Em milhares)

Setor	2006	2009	2013	2017	2021
Computadores e produtos eletrônicos e ópticos	58,0	125,6	327,7	736,0	857,3
Placas e componentes eletrônicos	21,3	54,9	126,2	226,5	335,2
Computadores e periféricos	12,3	27,4	49,2	81,8	64,7
Equipamentos de comunicação	4,7	22,2	93,4	278,8	318,1
Eletrônicos de consumo	14,7	13,9	37,5	120,3	114,5
Outros produtos eletrônicos e ópticos	5,1	7,3	21,4	28,5	24,9

Fonte: UNIDO. UNIDO Statistics Portal. Disponível em: <https://stat.unido.org>.
Elaboração do autor.

Os fatores que explicam a atratividade do Vietnã para as EMNs desse setor não diferem dos usualmente citados para a indústria em geral: baixos custos laborais, proximidade com fornecedores de componentes e estabilidade do ambiente de investimentos (Rynhart, Chang e Huynh, 2016; Sturgeon e Zylberberg, 2017). Todavia, há de se mencionar que, a despeito dos baixos custos, a força de trabalho do Vietnã é relativamente bem educada, como demonstra o bom desempenho do país, considerando-se seu nível de renda *per capita*, em testes internacionais que avaliam o nível de proficiência de estudantes em matemática e ciências (Rynhart, Chang e Huynh, 2016).

Devido à acelerada expansão, a indústria eletrônica é atualmente mais importante para a economia do Vietnã do que para as Filipinas, a Malásia e a Tailândia, países que ingressaram no setor antes do Vietnã. Conforme os dados disponíveis mais recentes, o valor adicionado pelo setor de computadores

e de produtos eletrônicos e ópticos correspondeu a 6,64% do PIB vietnamita em 2021 – os números equivalentes para os países citados foram 1,14%, 4,83% e 2,8%, respectivamente.¹⁷

4.1 Edificando a ascensão nas CGVs: o caso da Samsung

Desde seu desembarque no Vietnã, em 2008, a Samsung construiu quatro fábricas. A primeira foi instalada em Yen Phong, com investimentos de US\$ 2,5 bilhões para a produção de celulares. A segunda foi erguida em 2014 em Yen Binh, a cerca de 35 quilômetros de distância da primeira. Com investimentos de US\$ 5 bilhões, tornou-se a maior fábrica da empresa no mundo, com capacidade de produzir mais de 100 milhões de *smartphones* por ano.

Por que a Samsung escolheu o Vietnã? A literatura teórica sobre EMNs lista uma série de motivos pelas quais uma empresa decide investir em um local específico. No caso em tela, dois motivos são muito evidentes: incentivos fiscais e baixos custos de mão de obra. Como praxe, o Vietnã oferecia aos investidores estrangeiros quatro anos de isenção total de impostos, seguidos por nove anos pagando somente metade da alíquota-padrão (que atualmente é de 20%). A esses incentivos concedidos pelo governo central se somavam outros oferecidos pelos governos provinciais – o governo de Thai Nguyen concedeu três anos extras de impostos pela metade à Samsung (Barnes, 2023). Com todos esses benefícios, a Samsung não pagou impostos até 2013, e pagou apenas 10% nos anos seguintes. Cabe notar, todavia, que o recurso a incentivos fiscais para atrair EMNs já não está mais disponível ao governo vietnamita, uma vez que o país aderiu, no fim de 2023, ao acordo internacional sobre tributação capitaneado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que estabelece a cobrança de um mínimo de 15% de imposto de renda de EMNs, independentemente de sua localização – dessa forma, se o Vietnã aplicar baixas alíquotas à Samsung, a diferença em relação ao mínimo de 15% deverá ser cobrada pelo governo da Coreia do Sul.

Por volta de 2016, as duas líderes do mercado global de *smartphones*, Apple e Samsung, passaram a sofrer concorrência mais forte das marcas chinesas. Um dos motivos foi a melhoria substancial da qualidade das câmeras embutidas em telefones de preço intermediário, o que reduziu o diferencial competitivo dos modelos *premium* (Patterson, 2017). Com isso, a empresa sul-coreana viu-se crescentemente premiada a reduzir custos, especialmente na produção de aparelhos de preços mais acessíveis – mercado que a Apple não disputa –, o que significa que o Vietnã tornou-se um local cada vez mais interessante para o aumento da produção da empresa. Estima-se que, em 2016, os custos laborais industriais no Vietnã equivaliam a apenas 48% dos custos na China – em 2020, havia diminuído para 46% (Le, 2024).

Em 2017, a Samsung foi responsável por mais de um quarto (US\$ 54 bilhões) dos US\$ 214 bilhões exportados pelo Vietnã (Lang, 2022). Desde então, as exportações da empresa têm se mantido nessa faixa – em 2023, foram US\$ 56 bilhões, embora as exportações do país tenham saltado para US\$ 356 bilhões (Duc, 2024), o que indica uma perda de importância relativa da empresa no país. Todavia, é graças principalmente a ela que o Vietnã se mantém como o segundo maior exportador de *smartphones* do mundo, atrás apenas da China. Com mais de US\$ 22,4 bilhões de investimentos acumulados, a Samsung é a maior investidora estrangeira e a maior exportadora do Vietnã, com cerca de 100 mil empregados diretos no país (Duc, 2024).

17. Cálculos do autor a partir de dados publicados pela UNIDO e pela Divisão Estatística das Nações Unidas (United Nations Statistics Division – UNSD). Disponível em: <https://stat.unido.org>; e <https://unstats.un.org/unsd/nationalaccount>. No caso da Malásia, os dados referem-se a 2020.

Entretanto, no que tange à contribuição da Samsung para o desenvolvimento do Vietnã, tão (ou mais) importantes do que suas operações diretas são os vínculos estabelecidos com outras empresas que operam no país, sejam elas outras EMNs estrangeiras ou firmas domésticas. Conforme Lang (2022), os encadeamentos para trás vêm aumentando ao longo do tempo. Em 2014, havia apenas quatro fornecedores diretos da Samsung no Vietnã; em 2017, já eram 29; e, em 2020, cinquenta.¹⁸ Se considerados também os fornecedores de segundo nível (os fornecedores locais de seus fornecedores), o número subiu de 25, em 2014, para 257, em 2022 (Luu, 2023). Desde 2015, a Samsung apoiou e treinou cerca de quatrocentas empresas vietnamitas, de modo a aumentar sua qualidade e competitividade. Após o treinamento, a produtividade destas empresas aumentou em média 40%, e o percentual de produtos defeituosos caiu à metade (Ha e Hien, 2023).

Após a entrada da Samsung, dezenas de fornecedores externos da empresa também realizaram investimentos no Vietnã, onde estabeleceram uma cadeia de valor de produtos eletrônicos (Duc, 2023). Além disso, a própria Samsung aumentou o grau de verticalização – a fábrica de Thai Nguyen, por exemplo, além de montar *smartphones*, atualmente fabrica componentes, como estruturas metálicas e telas de vidro, que são exportados para outras fábricas localizadas em outros países onde também são montados os *smartphones* da empresa (Duc, 2023). Contudo, o nível de agregação local de valor ainda é baixo – como medida aproximada, vale mencionar que, nos primeiros dez meses de 2021, a Samsung exportou US\$ 60,5 bilhões e importou US\$ 46,8 bilhões (Cyrill, 2024).

A despeito desses avanços na área industrial, o investimento mais significativo da Samsung no que diz respeito às perspectivas de ascensão do Vietnã nas CGVs de eletrônicos foi a criação de um centro de P&D em Hanói. Inaugurado no fim de 2022, esse centro pode vir a ser um divisor de águas, se for capaz de contribuir significativamente para modificar as vantagens competitivas do país, que ainda estão ancoradas em baixos salários e incentivos fiscais. Seu foco não é o desenvolvimento de produtos para o Vietnã, para o Sudeste Asiático ou para países em desenvolvimento, mas sim desenvolver produtos para o mercado global (Duc, 2023). Atualmente, o centro emprega cerca de 2.400 engenheiros (Cyrill, 2024) e busca atrair jovens talentos por meio de bolsas, estágios e parcerias com as universidades do Vietnã (Luu, 2023). Além disso, a empresa vem colaborando com o Centro Nacional de Inovação do Vietnã, de forma a dar suporte à ambição do país de tornar-se líder na indústria de semicondutores. Por meio desta iniciativa, a Samsung se comprometeu a ajudar a treinar 50 mil engenheiros até 2030 (Cyrill, 2024).

5 CHINA PLUS ONE E A GUERRA COMERCIAL ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A CHINA

A globalização produtiva intensificada a partir dos anos 1990 teve na China seu centro de massa. Empresas sediadas nos países desenvolvidos buscaram o gigante asiático não apenas por conta dos incentivos oferecidos pelo governo chinês, mas também pelas perspectivas oferecidas pelo mercado de 1,4 bilhão de consumidores potenciais. Contudo, passadas mais de três décadas, algumas das

18. Em 2014, em parceria com a Samsung, o Ministério da Indústria e Comércio publicou em seu *site* uma lista de 144 partes e componentes de *smartphones* e *tablets* (como baterias, fones de ouvido e cabos) que poderiam ser fornecidos por empresas vietnamitas. Contudo, nenhuma empresa conseguiu aproveitar a oportunidade por incapacidade de atender às exigências de qualidade, nem mesmo de partes mais simples, como carregadores. Em 2014, todos os fornecedores de partes e componentes eram empresas de capital estrangeiro, especialmente sul-coreanas, japonesas, singapurenses e malaias. Havia apenas quatro fornecedores diretos vietnamitas que forneciam materiais de embalagem (Local..., 2014).

vantagens competitivas iniciais, como os baixos custos laborais, se esvaíram, ao passo que as empresas chinesas se tornaram rivais ferozes em mercados antes dominados por empresas americanas, europeias e japonesas. A isso soma-se a postura mais assertiva das lideranças chinesas na arena internacional, o que alimenta a percepção de crescentes riscos geopolíticos aos interesses corporativos decorrentes da concentração das operações em solo chinês.

Por conta disso, desde meados dos anos 2010 muitas EMNs vêm se engajando no que ficou conhecido como estratégia *China plus one*, que busca evitar concentrar excessivamente, na China, tanto as operações industriais como os fornecedores ao longo da cadeia de suprimentos. A crescente disputa tecnológica entre os Estados Unidos e a China, que redundou em guerra comercial aberta a partir do primeiro governo de Donald Trump (2017-2021), e a pandemia de covid-19 adicionaram novas variáveis aos cálculos de risco das EMNs, haja vista as dificuldades enfrentadas por firmas ocidentais dependentes de insumos produzidos na China, que tiveram que lidar com aumentos de preços, atrasos e interrupções no fornecimento. Expressões como *nearshoring* e *friendshoring* tornaram-se lugar-comum em estratégias que visam aumentar a resiliência das CGVs por meio da diminuição da centralidade da China.

Sobre essa questão, chega a ser surpreendente a demora das lideranças americanas em reconhecer a centralidade adquirida pela China nas CGVs e as implicações disso não apenas para a economia, com as firmas chinesas emergindo como competidoras vorazes em mercados antes dominados por empresas dos Estados Unidos, mas também para a segurança nacional, por conta da liderança tecnológica adquirida pelo país asiático em áreas estratégicas. Foi somente a partir do primeiro governo Trump que a política comercial passou a ser utilizada sistematicamente como instrumento de contenção da ascensão da China.¹⁹

Entretanto, transferir operações da China envolve questões que vão muito além do custo de mão de obra ou de riscos geopolíticos. Grande parte do IDE na China está localizado em regiões dotadas de infraestrutura de ponta, dificilmente encontrada em outros países em desenvolvimento ou mesmo em países desenvolvidos. Some-se a isso a robusta rede de fornecedores já instalada na China, que não encontra paralelo na maior parte das locações alternativas – ou seja, sair da China pode implicar assumir custos para identificar e treinar uma extensa cadeia de fornecedores. Finalmente, cabe mencionar as economias de aglomeração existentes nos principais polos industriais chineses, dificilmente replicáveis por outros países.

Por conta desses fatores, as EMNs estrangeiras dificilmente arredam completamente o pé da China, mesmo quando admitem a existência de riscos geopolíticos relevantes. Em contrapartida, os países que possuem mais chances de se acoplar a estratégias *China plus one* são aqueles geograficamente próximos ao gigante asiático, especialmente no caso de bens intermediários, que podem cruzar fronteiras diversas vezes ao longo da cadeia de valor, ou próximos aos mercados consumidores, onde podem ser realizadas as etapas de montagem dos produtos finais. No primeiro grupo estão os países da Asean; no segundo grupo o destaque é o México. Outros atributos valorizados por investidores estrangeiros, especialmente aqueles não ambientados à cultura e às instituições do país hospedeiro, são a estabilidade política e a abordagem gradualista quando se trata de reformas, pois ambos conferem

19. Bown (2023) documenta cada etapa da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China desde 2018. Em abril de 2023, a tarifa média aplicada sobre as exportações chinesas estava em 19,3%, mais de seis vezes a tarifa média aplicada antes do início da guerra comercial, que era de 3,1% (janeiro de 2018). Em relação à abrangência, o autor estima que 66,4% do volume comercializado em 2017 (ano de referência) foi afetado pelas novas tarifas.

maior previsibilidade aos negócios – assemelhar-se à China nesses aspectos pode ser um trunfo para países que buscam atrair empresas que querem diversificar suas operações para além da China.

O Vietnã apresenta-se como um caso *sui generis*: é apontado como parceiro de *friendshoring* tanto pelos Estados Unidos como pela China, que veem o deslocamento da produção para o país do Sudeste Asiático como uma estratégia de redução de riscos geopolíticos ao comércio (Wu, 2024). O Vietnã também aparece em uma lista de cinco países que a consultoria Bloomberg Economics denominou “conectores econômicos” (*economic connectors*) por atuarem como ponte entre as grandes economias (Estados Unidos, União Europeia e China) – as outras são Indonésia, México, Polônia e Marrocos (Curran *et al.*, 2023).

Uma vantagem adicional do Vietnã, no que diz respeito à atuação como plataforma de exportações, é o grande número de acordos de livre-comércio dos quais o país é signatário. Esses acordos possibilitam aos investidores externos acesso preferencial aos mercados dos seus parceiros. Como membro da Asean, o Vietnã faz parte, desde 1996, de sua área de livre-comércio, bem como dos acordos de livre-comércio assinados por ela com terceiros (ano de entrada em vigência entre parênteses): Austrália e a Nova Zelândia (2010), China (2003), Coreia do Sul (2007), Índia (2010) e Japão (2008). Esses mesmos países, com exceção da Índia, fazem parte, juntamente com os países da Asean, da Parceria Econômica Regional Abrangente (Regional Comprehensive Economic Partnership – RCEP), em vigor desde 2022. Além dos acordos via Asean, o Vietnã possui acordos comerciais bilaterais com Chile (2014), Coreia do Sul (2015), Cuba (2020), Emirados Árabes Unidos (2024),²⁰ Estados Unidos (2001), Israel (2024), Japão (2009), Reino Unido (2021), União Econômica Eurasiática (2016) e União Europeia (2020). O Vietnã também é signatário do Acordo Abrangente e Progressivo para a Parceria Transpacífica (Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership – CPTPP), acordo de livre-comércio que reúne Austrália, Brunei, Canadá, Chile, Japão, Malásia, México, Nova Zelândia, Peru e Singapura, vigente desde 2019.

A reconfiguração de CGVs coordenadas por EMNs americanas normalmente implica a realocação de empresas subcontratadas e de fornecedores, muitos dos quais são empresas chinesas ou empresas que produziam em território chinês – um movimento de diversificação territorial da Apple, por exemplo, tende a arrastar um rol de empresas da China para o Vietnã.²¹ Pesquisa realizada em 2023 pelo Boston Consulting Group com executivos de empresas industriais americanas revelou que 90% das empresas moveram parte da produção e dos fornecedores desde 2018, sendo que 50% dos respondentes indicaram movimentos superiores a 20% da produção ou das compras de insumos (Wyck *et al.*, 2023).

O fato de o governo Biden não só dar continuidade à política tarifária de Trump em relação à China, mas também ampliar o uso de políticas industriais explícitas – daquele tipo que instituições fortemente influenciadas por Washington, como o Banco Mundial, condenavam até pouco tempo (Wade, 1996; Cherif e Hasanov, 2019) – tornou mais claro para as EMNs que a disputa comercial e tecnológica contra a China é uma questão bipartidária, ou seja, com baixa probabilidade de ser revertida em caso de mudança na presidência dos Estados Unidos. Com isso, estratégias do tipo *esperar para ver* (*wait and see*) deixaram de fazer sentido, aumentando a pressão, dentro das EMNs, por reconsideração das operações na China.

20. Este acordo foi assinado em 2024, mas ainda não está em vigor.

21. Em junho de 2024, a Apple já possuía 35 fornecedores no Vietnã, que forneciam insumos para a montagem de itens como fones de ouvido, *tablets* e relógios (Sharma, 2024).

5.1 Efeitos sobre os fluxos comerciais e de investimentos

5.1.1 Inserção do Vietnã nos fluxos comerciais globais

A evolução da inserção do Vietnã nos fluxos comerciais globais desde o início do *Đổi Mới* é impressionante por qualquer comparação que se faça. Em 1985, ano que precede o anúncio da abertura, as exportações representavam 14,5% do PIB do país, participação idêntica à das exportações mundiais no PIB global. Cabe ressaltar, no entanto, que esse indicador tem o PIB como denominador, o que ajuda a explicar o fato de o número do Vietnã não ser muito diferente do observado em outras economias em desenvolvimento da Ásia, a despeito do isolamento do país à época.

O primeiro salto exportador do Vietnã ocorreu a partir de 1989 – no ano seguinte, as exportações atingiram o equivalente a 37,1% do PIB. Nos anos subsequentes, houve um recuo nesse indicador, devido, principalmente, à valorização real da moeda vietnamita, o que acabou afetando o denominador. Contudo, ele voltou a acelerar a partir de 1994, chegando a 46,5% em 2000. Nesse ano, já era mais do que o dobro do verificado na economia global (19,1%), mas não diferia muito de outras economias do Sudeste Asiático – Indonésia (37,1%), Filipinas (45,5%) e Tailândia (54,6%). Nessa primeira década e meia de abertura, a participação do Vietnã nas exportações mundiais aumentou mais de cinco vezes, passando de menos de 0,04% para pouco mais de 0,22%.

Nos anos 2000, o Vietnã continuou ampliando sua participação nas exportações mundiais, especialmente a partir de 2004. Em 2007, ano em que o país ingressou na OMC, sua participação nas exportações mundiais alcançou 0,35%, enquanto a relação exportações/PIB atingiu 57%, patamar equivalente ao da Tailândia, mas já muito superior ao observado nas Filipinas e na Indonésia.

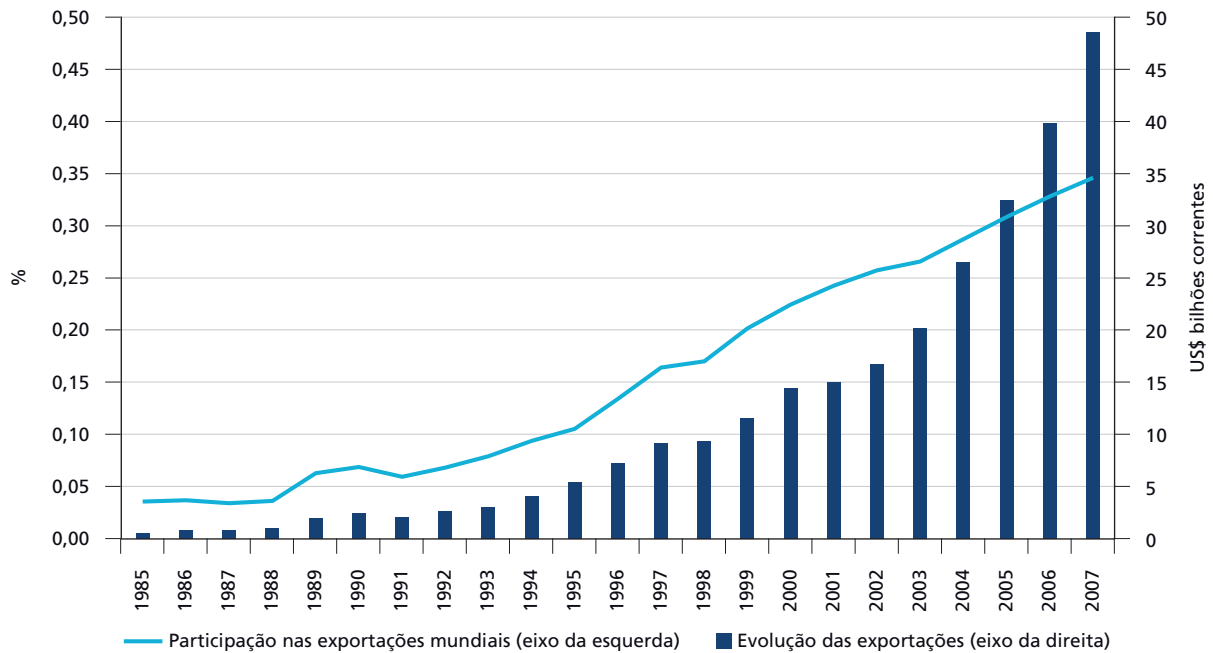
A despeito dos severos efeitos da crise financeira global de 2008 sobre o comércio mundial, o Vietnã continuou a ganhar participação após seu ingresso na OMC. Como pode ser observado nos gráficos 1 e 2, o Vietnã aumentou sua participação nas exportações mundiais em todos os anos entre 1992 e 2020. Nesse período de 28 anos, o país viu sua participação subir 1,54 ponto percentual (de 0,06% para 1,6%), superando, em muito, as participações das Filipinas (0,36%), da Indonésia (0,93%) e da Tailândia (1,31%). Nos anos seguintes, após a eclosão da pandemia de covid-19, o valor exportado pelo Vietnã continuou em alta (com exceção de 2023), porém a participação do país nas exportações mundiais decaiu um pouco, em parte devido às expressivas perdas nos termos de troca.

Mais impressionante, contudo, é o nível de importância alcançado pelo mercado externo para a economia do Vietnã. Mesmo admitindo que as estatísticas tradicionais de comércio exterior não representam o valor efetivamente adicionado no país, é notável que a relação exportações/PIB já seja, desde 2016, superior à da Malásia, uma das economias asiáticas mais integradas às CGVs. Em 2022, ano em que, em nível global, este indicador alcançou o maior valor desde 2011 (24,7%), ele foi de 90,8% no Vietnã – superior aos 86,7% da Malásia e aos 58% da Tailândia, e muito acima do verificado na Indonésia e nas Filipinas (gráfico 3).

Em resumo, em menos de quatro décadas, o Vietnã deixou de ser um ator irrelevante para tornar-se uma das economias mais integradas no comércio mundial.

GRÁFICO 1

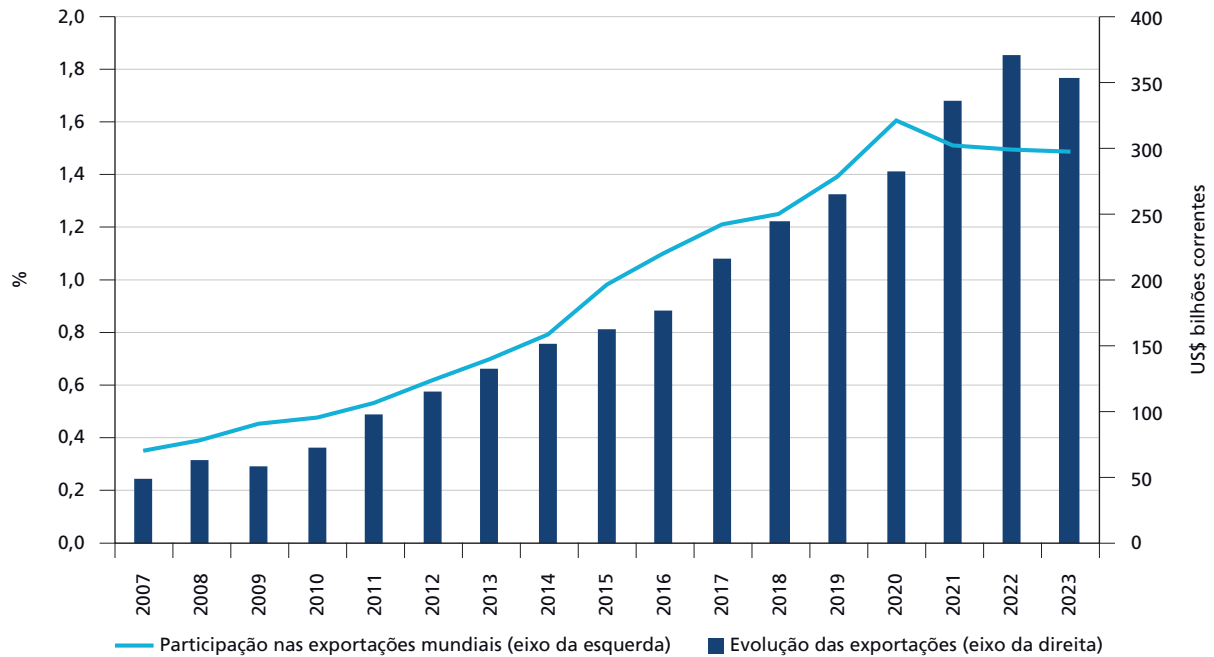
Valor das exportações do Vietnã (1985-2007)



Fonte: Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (United Nations Conference on Trade and Development – UNCTAD). UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.
Elaboração do autor.

GRÁFICO 2

Valor das exportações do Vietnã (2007-2023)

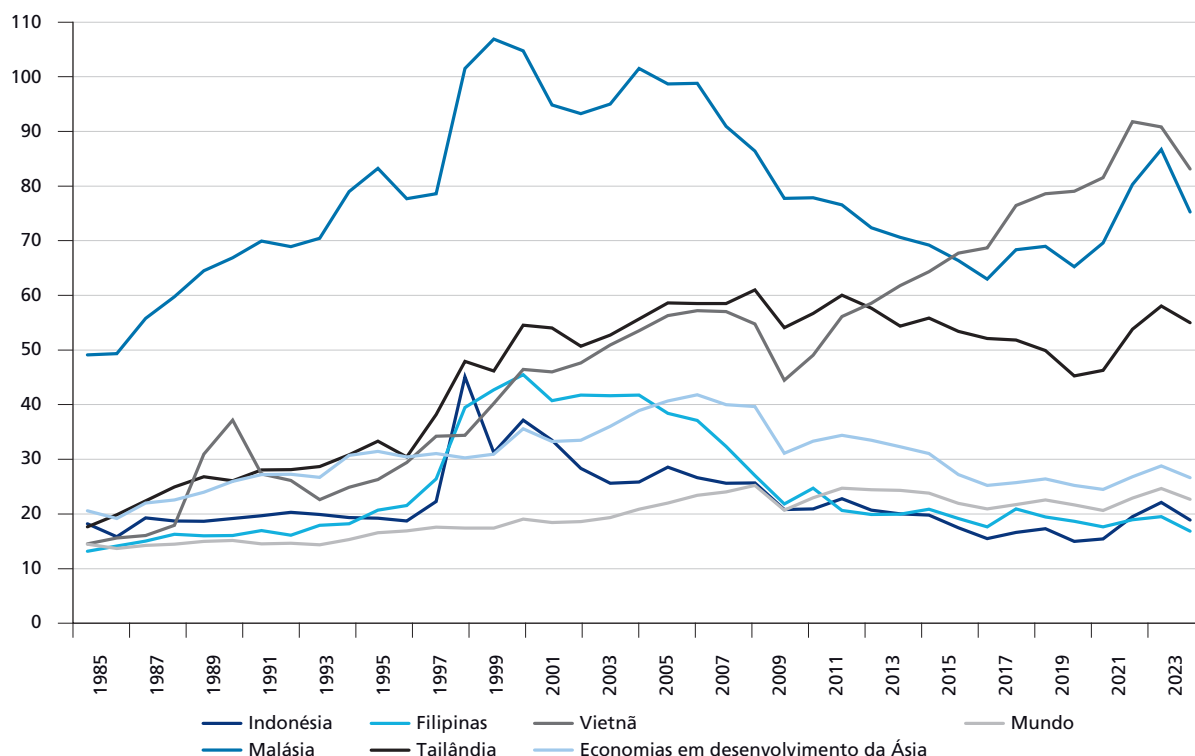


Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.
Elaboração do autor.

GRÁFICO 3

Valor das exportações (1985-2023)

(Em % do PIB)



Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.

Elaboração do autor.

5.1.2 Inserção do Vietnã nos fluxos de IDE globais

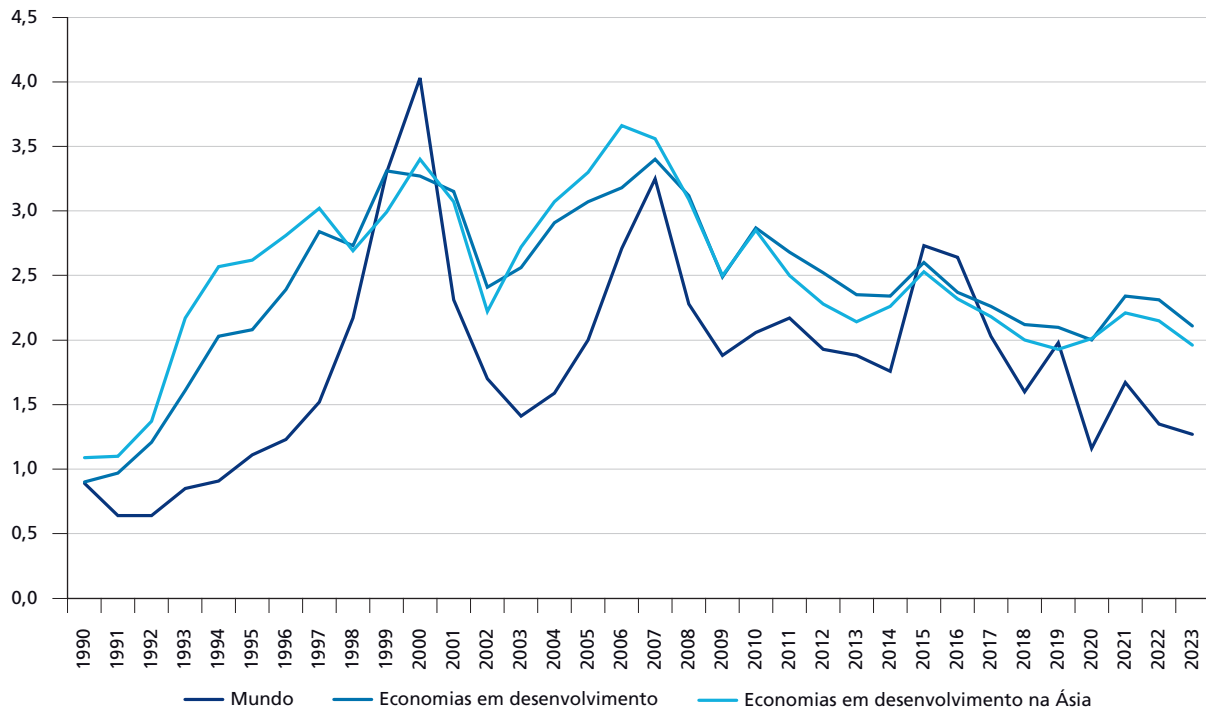
Sempre que se analisa a evolução dos fluxos de IDE para um país específico, é importante considerar o contexto tanto da economia global como das economias comparáveis. O motivo é que os fluxos de capitais tendem a ser muito mais voláteis do que os fluxos comerciais, seguindo ciclos de euforia e de desânimo.

Como mostra o gráfico 4, que apresenta a evolução dos fluxos de IDE como proporção do PIB desde 1990, os ciclos de investimento na economia global como um todo são mais acentuados do que no conjunto das economias em desenvolvimento, assim como no subgrupo asiático destas economias. No caso da economia global, há um pico em 2000 – ano do estouro da bolha de ações ligadas ao surgimento da internet (conhecida como bolha “ponto com”) – ao qual se seguiu uma queda pronunciada até 2003. Um novo pico, embora mais baixo, ocorreu em 2007 e foi seguido por um “quase platô” entre 2008 e 2014. Em 2015-2016, ocorreu uma pequena elevação, seguida por uma tendência de queda nos anos seguintes. Desconsiderando-se o ano atípico de 2020 por conta da pandemia, o indicador atingiu em 2023 o ponto mais baixo (1,27%) desde 1996, o que poderia ser entendido como mais um indício de um suposto processo de desglobalização.

GRÁFICO 4

Fluxo de IDE (1990-2023)

(Em % do PIB)

Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.

Elaboração do autor.

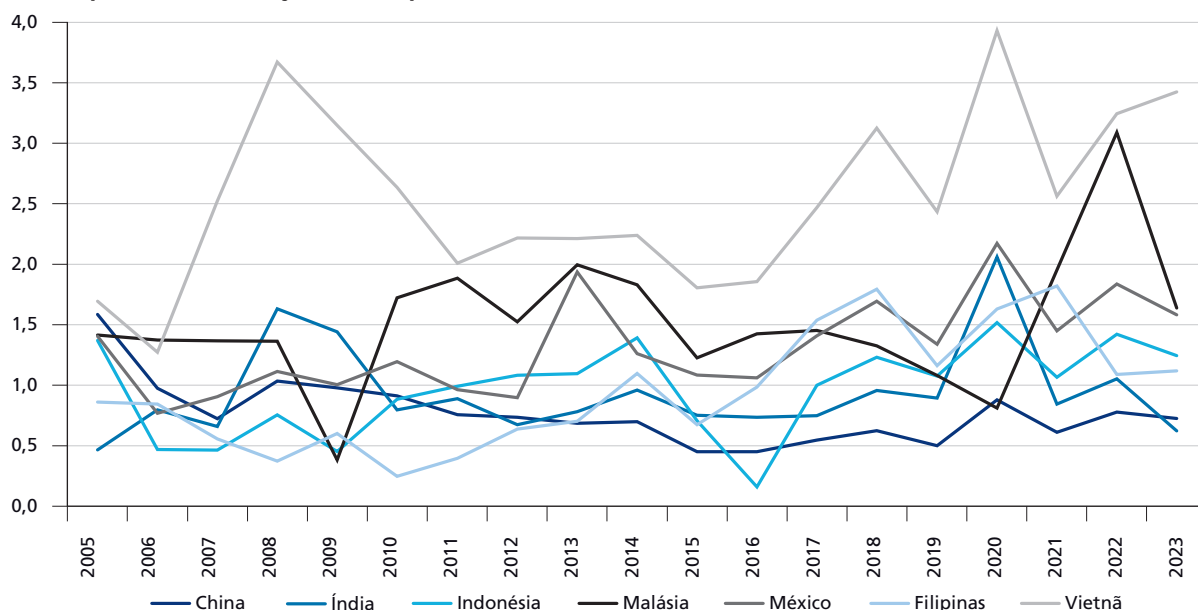
Um dos indicadores mais utilizados quando se quer analisar a evolução do desempenho de um país na atração de investimentos externos é a relação IDE/PIB. Contudo, tal indicador desconsidera o efeito dos humores globais sobre os fluxos para este país específico. Para contornar esse problema, este artigo recorre a um *índice de capacidade de atração de IDE (ICAI)*, calculado segundo a seguinte fórmula:

$$ICAI_i = (IDE_i/PIB_i)/(IDE_{mundo}/PIB_{mundo})$$

Ou seja, o indicador pondera os investimentos recebidos por um país *i* pelo tamanho de sua economia, sem ignorar os ciclos globais de IDE.

O gráfico 5 mostra a evolução deste indicador, entre 2005 e 2023, na China, no Vietnã e em um conjunto de economias comumente citadas como candidatas a receber investimentos de empresas interessadas em estratégias do tipo *China plus one* ou mesmo em *friendshoring* ou *nearshoring*. Em primeiro lugar, é nítido que, em todo o período, o Vietnã se manteve muito acima dos outros países neste indicador (apenas em 2006 ficou um pouco abaixo da Malásia). Na maior parte dos anos, o indicador do país ficou acima de 2, o que significa que os fluxos de IDE como proporção do PIB foram no mínimo o dobro do verificado em nível global. Em seis anos – 2008, 2009, 2018, 2020, 2022 e 2023 – ficou acima de 3. Os dois primeiros correspondem ao período imediatamente posterior ao ingresso do Vietnã na OMC e, por isso, não se encontram movimentos similares nos outros países (com exceção da Índia, embora em escala muito inferior). Os demais quatro anos abarcam o período da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China. Neste caso, é possível identificar alguns movimentos razoavelmente similares no México e nas Filipinas, embora de menor intensidade.

GRÁFICO 5

Capacidade de atração de IDE, países selecionados (2005-2023)¹

Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.

Elaboração do autor.

Nota: ¹ Medido pela relação entre o IDE e o PIB nacionais sobre a relação entre o IDE e o PIB mundiais – $(IDE/PIB)/(IDE\ mundial/PIB\ mundial)$.

É interessante notar o caso da China, que parece ir na contramão do senso comum: desde 2006, a China recebe menos IDE (como proporção do PIB) do que a média mundial,²² chegando, no biênio 2015-2016, a menos da metade desta ($ICAIC_hina=0,45$). Porém, no período que compreende a guerra comercial, a China vem recuperando espaço – o $ICAIC_hina$ alcançou 0,88 em 2020 e 0,78 em 2022.

5.1.3 Inserção do Vietnã nas CGVs em tempos de guerra comercial

Uma análise mais veraz da inserção do Vietnã, assim como de qualquer outro país, nas CGVs exige o uso de dados de valor adicionado, em vez de dados brutos de produção ou de exportação, de preferência com o uso de matrizes de insumo-produto internacionais, como as produzidas no âmbito dos projetos Trade in Value Added (TiVA),²³ da OCDE, e UNCTAD-Eora Global Value Chain Database, da UNCTAD,²⁴ pois isso possibilita a identificação das origens e dos destinos dos fluxos transfronteiriços de bens e serviços intermediários. Todavia, as matrizes insumo-produto nacionais, necessárias para a produção das versões internacionais, são produzidas em intervalos de tempo dilatados (geralmente a cada cinco anos ou mais), e vários anos após o período de referência. Isto as torna pouco úteis para a investigação de fenômenos relativamente recentes, como são os casos dos efeitos da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, iniciada em 2018, sobre a estrutura de produção e a inserção comercial de terceiros países.²⁵ Por isso, nesta subseção são utilizados dados brutos de comércio e de IDE, mesmo se reconhecendo suas limitações.

22. Em 2008, o indicador ficou ligeiramente acima de 1 (1,04).

23. Disponível em: <https://www.oecd.org/en/topics/sub-issues/trade-in-value-added.html>.

24. Disponível em: <https://worldmrio.com/unctadgvc>.

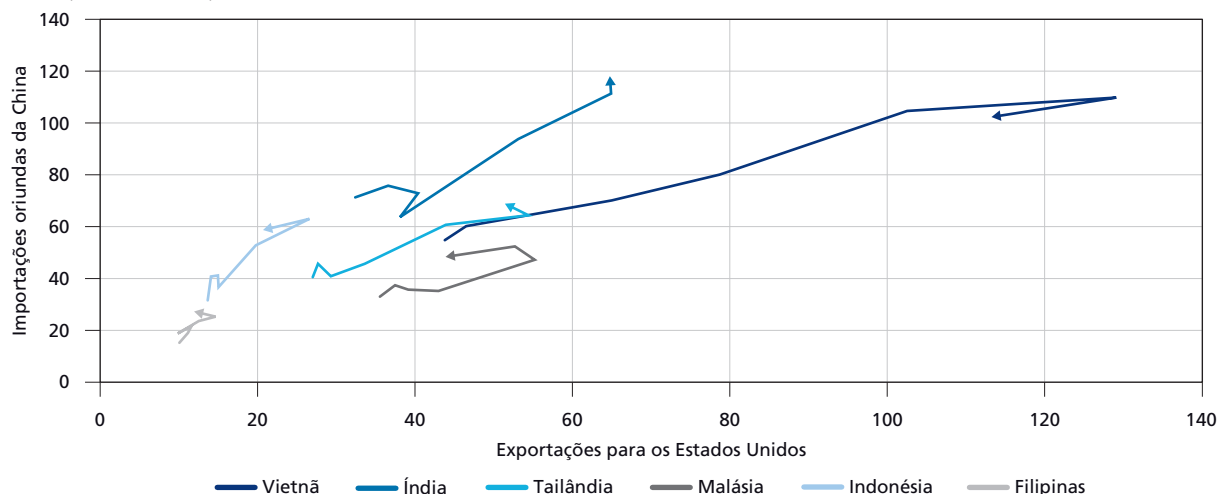
25. Segundo consta na base de dados TiVA, da OCDE, das exportações brutas de bens eletrônicos do Vietnã em 2018, apenas 37,1% correspondiam a valor adicionado no próprio país, enquanto a Coreia do Sul e a China respondiam, respectivamente, por 16,3% e 16,1% do valor adicionado às exportações vietnamitas.

Como o objetivo central desse artigo é analisar a evolução da economia do Vietnã no contexto de adoção, por parte das EMNs, de estratégias do tipo *China plus one*, e do acirramento da disputa comercial e tecnológica entre Estados Unidos e China, cabe analisar como tem evoluído o comércio do Vietnã *vis-à-vis* outras economias da Ásia – quais sejam, Filipinas, Índia, Indonésia, Malásia e Tailândia – que poderiam funcionar como alternativas à produção na China, especialmente visando ao mercado americano. Como mostra o gráfico 6, o Vietnã de fato tem se estabelecido como um conector entre as CGVs centradas na China e o mercado consumidor americano. Desde o início da guerra comercial, as exportações de bens manufaturados²⁶ do Vietnã para os Estados Unidos deram um salto impressionante, ao mesmo tempo que aumentaram as importações de bens manufaturados oriundas da China. Porém, ao contrário do que ocorreu com a maior parte do grupo de comparação, as exportações para os Estados Unidos cresceram mais do que as importações oriundas da China. Isso pode ter ocorrido por conta de maior agregação de valor no Vietnã, com a produção doméstica de componentes que antes eram importados da China, ou pela substituição da origem dos fornecedores de insumos.

GRÁFICO 6

Evolução do comércio de bens industriais, países selecionados (2017-2023)

(Em US\$ bilhões)

Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.

Elaboração do autor.

Obs.: As setas representam o último ano da série (2023).

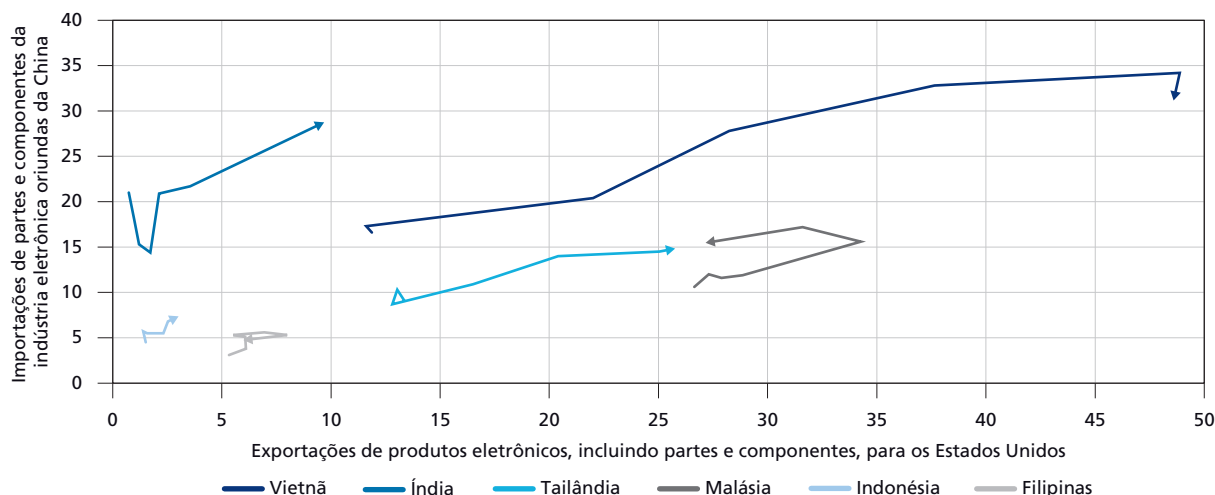
O gráfico 7 limita a análise ao comércio de produtos eletrônicos. No caso das importações americanas, estão incluídos os produtos finais assim como as partes e componentes. No caso das exportações chinesas, estão incluídas apenas as partes e componentes. Entre 2017 e 2023, as exportações vietnamitas destes produtos para os Estados Unidos mais do que quadruplicaram, passando de US\$ 11,9 bilhões para US\$ 48,6 bilhões. Por sua vez, as importações de partes e componentes eletrônicos a partir da China cresceram proporcionalmente menos, de US\$ 16,6 bilhões para US\$ 31,4 bilhões. Novamente, o desempenho do Vietnã se destaca em relação aos pares asiáticos.

26. Este artigo segue a classificação tradicionalmente adotada pela UNCTAD, segundo a qual se consideram bens manufaturados aqueles classificados sob os códigos (a um dígito) de 5 a 8 da Classificação Internacional Padrão de Comércio (Standard International Trade Classification – SITC), com exceção dos códigos 667 (pedras preciosas) e 68 (metais não ferrosos). Esta classificação exclui, do grupo dos manufaturados, os produtos processados intensivos em recursos naturais, como carnes, açúcar, laticínios, bebidas, produtos de tabaco, papel e combustíveis.

GRÁFICO 7

Evolução do comércio de produtos eletrônicos, países selecionados (2017-2023)

(Em US\$ bilhões)

Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.

Elaboração do autor.

Obs.: As setas representam o último ano da série (2023). Partes e componentes correspondem aos códigos 759, 764, 772 e 776 da SITC. Produtos eletrônicos incluem, além dos citados, os códigos 751, 752, 761, 762, 763 e 775.

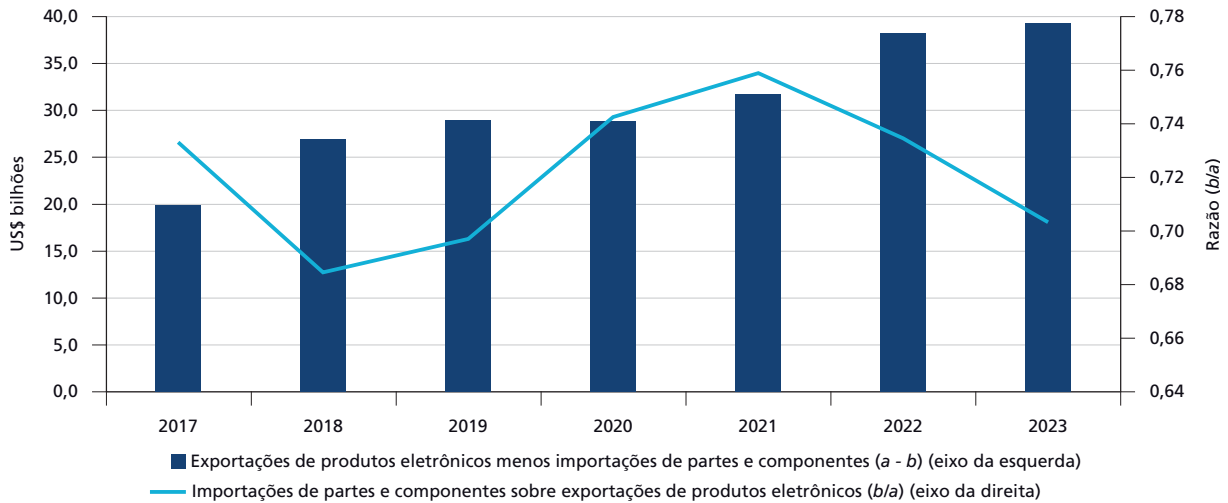
Teria havido uma ascensão do país nas CGVs de produtos eletrônicos, com maior produção local de partes e componentes, ou uma mera substituição de fontes de suprimento? Na ausência de dados de valor adicionado, pode-se tentar uma aproximação comparando-se o valor das exportações de produtos eletrônicos (incluindo partes e componentes) com o valor das importações de partes e componentes eletrônicos.²⁷ Como pode ser visto no gráfico 8, houve um aumento na diferença entre o valor exportado e o valor importado entre 2017 e 2023 – de US\$ 19,9 bilhões para US\$ 39,3 bilhões. Todavia, a quase duplicação se deve mais ao grande aumento no valor comercializado do que a uma elevação significativa na parcela do valor adicionado domesticamente. De fato, após uma queda em 2018, a participação do valor adicionado externamente no valor das exportações de eletrônicos provavelmente subiu nos três anos seguintes, vindo porém a ter novas quedas em 2022 e 2023. Portanto, se houve uma elevação na contribuição local ao valor adicionado, esta deve ter sido relativamente modesta.

Pode-se perguntar se teria ocorrido um aumento na importância relativa da China enquanto fonte de insumos, o que seria compatível com a hipótese de o Vietnã atuar como entreposto de CGVs centradas na China. O gráfico 9 indica um ligeiro aumento nas participações da China e de Taiwan nas importações vietnamitas de partes e componentes eletrônicos, em detrimento principalmente da Coreia do Sul. Todavia, essa evolução parece refletir, principalmente, uma certa estagnação nas exportações da subsidiária vietnamita da Samsung, que importa muitos insumos de seu país-sede.

27. Obviamente, uma parcela das partes e componentes importados é utilizada na produção de bens para o mercado interno. Isso, no entanto, não invalida o exercício, pois quanto maior for tal destinação, maior tende a ser a *subestimação* do valor adicionado localmente no valor total das exportações.

GRÁFICO 8

Evolução das exportações de produtos eletrônicos e das importações de partes e componentes pelo Vietnã (2017-2023)



Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.

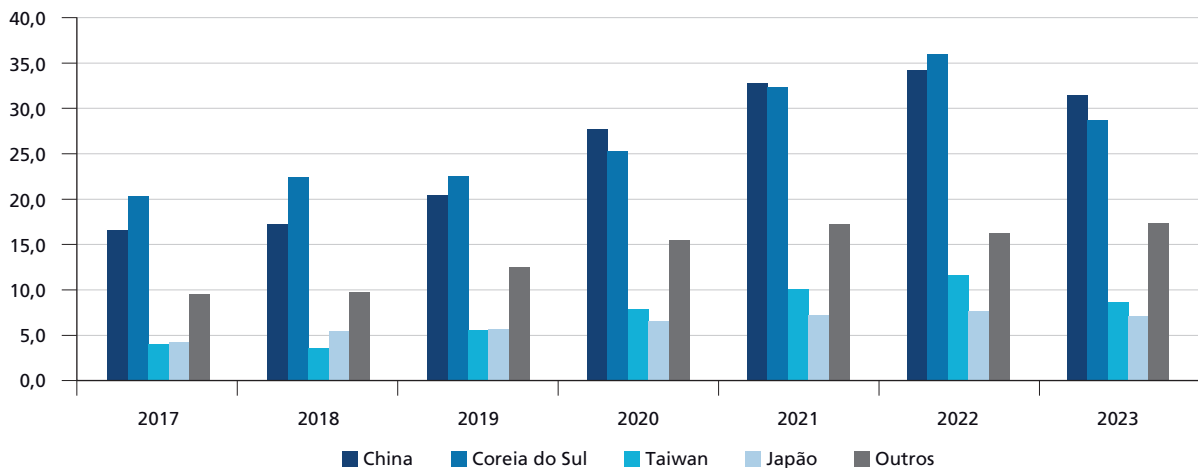
Elaboração do autor.

Obs.: Partes e componentes correspondem aos códigos 759, 764, 772 e 776 da SITC. Produtos eletrônicos incluem, além dos citados, os códigos 751, 752, 761, 762, 763 e 775.

GRÁFICO 9

Evolução das importações de partes e componentes eletrônicos pelo Vietnã (2017-2023)

(Em US\$ bilhões)



Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.

Elaboração do autor.

Obs.: Partes e componentes correspondem aos códigos 759, 764, 772 e 776 da Classificação Internacional Padrão de Comércio (Standard International Trade Classification – SITC). Produtos eletrônicos incluem, além dos citados, os códigos 751, 752, 761, 762, 763 e 775.

A maior integração do Vietnã em CGVs de produtos de maior sofisticação tecnológica se reflete na mudança estrutural da pauta de exportações do país a partir da disseminação das estratégias empresariais do tipo *China plus one*, particularmente após o início da guerra comercial entre Estados Unidos e China. Como mostra a tabela 2, itens que foram importantes durante o primeiro impulso exportador, como calçados e artigos de vestuário, perderam espaço na pauta – produtos primários, como arroz, café e crustáceos, chegaram a tornar-se quase irrelevantes – enquanto

produtos relacionados à tecnologia de informação e comunicação (códigos SITC 764, 759 e 776) são cada vez mais importantes.

TABELA 2

Principais produtos exportados pelo Vietnã (1995-2023)

	Código SITC – descrição do produto	1995	2000	2005	2010	2015	2023
	764 – Equipamentos de telecomunicações e suas partes	0,8	0,3	0,4	3,7	20,4	14,9
	759 – Partes e acessórios de computadores (751 e 752)	0,0	3,4	1,5	0,5	0,5	9,9
	84 – Artigos de vestuário	15,1	12,6	14,4	14,4	13,5	9,5
	851 – Calçados	10,5	10,2	9,5	7,2	7,7	6,0
% do valor total	776 – Válvulas e tubos catódicos	0,8	0,6	0,7	0,7	2,9	5,8
	821 – Móveis e suas partes	0,9	1,6	4,3	4,1	3,2	3,7
	33 – Petróleo e seus produtos	16,7	25,7	23,7	8,7	2,8	1,1
	042 – Arroz	9,5	4,6	4,3	4,5	1,7	1,1
	071 – Café	5,4	3,5	2,3	2,6	1,6	1,0
	036 – Crustáceos	6,0	8,5	5,4	2,8	1,4	0,6
	Valor total exportado (US\$ bilhões)	5,4	14,5	32,4	72,2	162,0	353,4

Fonte: UNCTAD. UNCTADStat. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre>.

Elaboração do autor.

Obs.: Entre móveis e suas partes (código 821) e petróleo e seus produtos (código 33), existem vários produtos no *ranking* de 2023, ano usado para classificá-los. Os itens a partir de petróleo e seus produtos foram incluídos na tabela porque eram importantes em 1995, mas hoje são pouco relevantes.

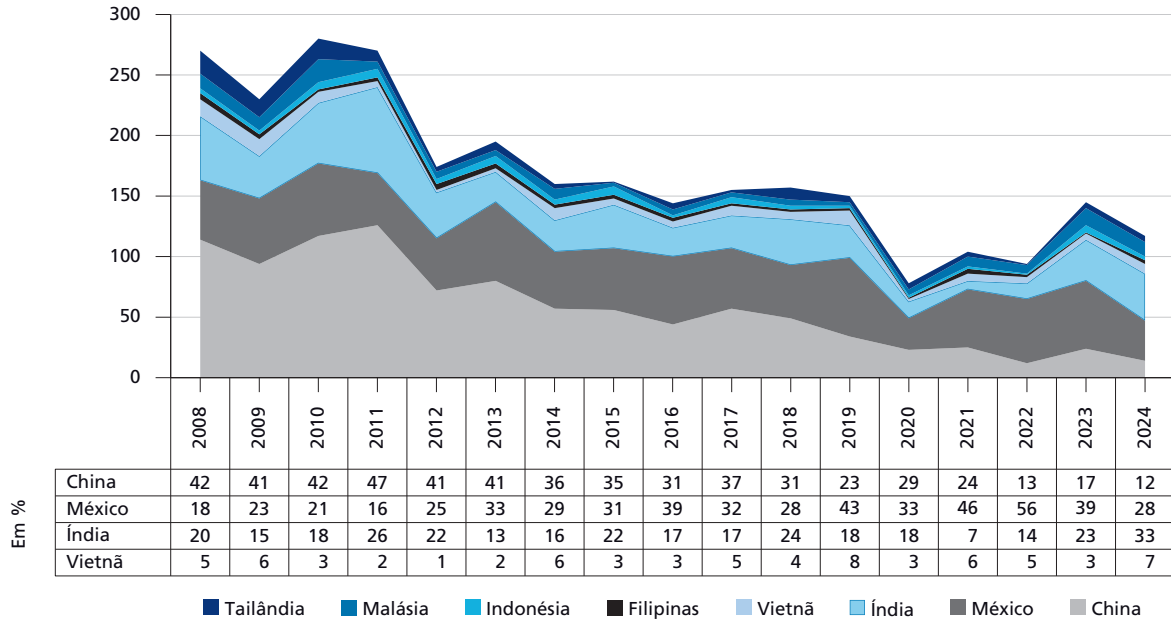
Como complemento à análise dos fluxos comerciais, é importante investigar as escolhas locais dos projetos de investimento das EMNs no período pós-deflagração da guerra comercial. A base de dados FDI Markets, do *Financial Times*, que reúne informações sobre projetos de novos investimentos (*greenfield*) anunciados pelas EMNs e publicados na imprensa ou em relatórios e *websites* institucionais, permite analisar a evolução da quantidade de projetos direcionados a cada país e setor, conforme o país de origem do investidor.

A pergunta imediata a se fazer é: as estratégias *China plus one* e a guerra comercial impactaram o número de projetos de IDE envolvendo a China? Conforme os gráficos 10 e 11 – que ilustram, respectivamente, os investimentos anunciados por empresas dos Estados Unidos e por empresas do Japão, de Taiwan e da Coreia do Sul –, a resposta é sim. O gráfico 10 indica uma tendência de arrefecimento nos investimentos americanos na China a partir de 2012, que continuou no período da pandemia e que não foi revertido após sua superação. Padrão muito similar pode ser observado no caso dos investimentos japoneses, taiwaneses e sul-coreanos na China, que também assumiram tendência de queda a partir de 2011 e chegaram a níveis muito baixos em 2023-2024.

GRÁFICO 10

Projetos de IDE *greenfield* dos Estados Unidos em indústria de transformação, por país selecionado (2008-2024)

(Em unidades)



Fonte: FDI Markets. Disponível em: <https://www.fdimarkets.com>.

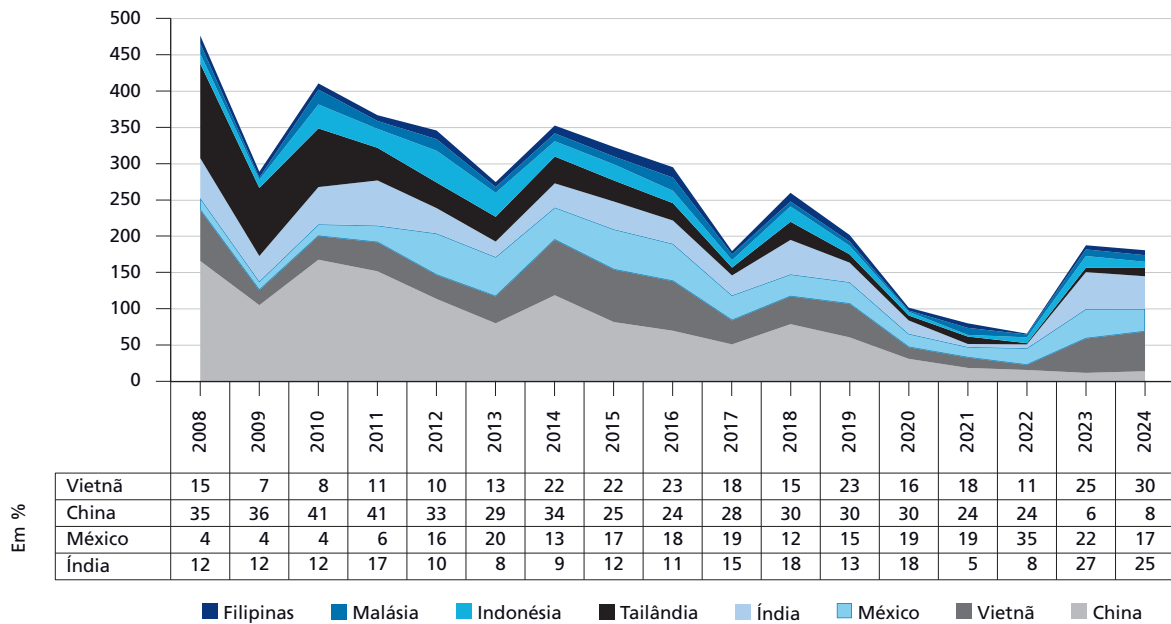
Elaboração do autor.

Obs.: Os valores apresentados nas células abaixo do gráfico indicam a participação percentual de países selecionados no total de projetos dos Estados Unidos e destinados a este conjunto de países no referido ano.

GRÁFICO 11

Projetos de IDE *greenfield* do Japão, da Coreia do Sul e de Taiwan em indústria de transformação (2008-2024)

(Em unidades)



Fonte: FDI Markets. Disponível em: <https://www.fdimarkets.com>.

Elaboração do autor.

Obs.: Os valores apresentados nas células abaixo do gráfico indicam a participação percentual de países selecionados no total de projetos oriundos do Japão, da Coreia do Sul e de Taiwan e destinadas a este conjunto de países no referido ano.

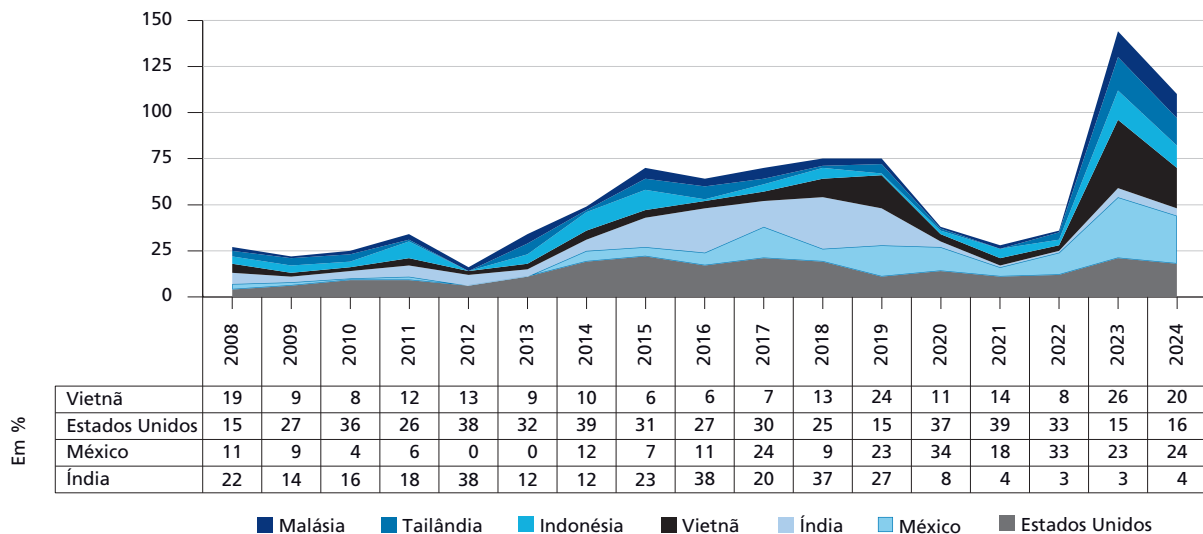
Isso posto, a pergunta subsequente é: as estratégias *China plus one* e a guerra comercial impactaram o número de projetos de IDE envolvendo o Vietnã? Neste caso, os dados não são inequívocos. Em se tratando de investimentos americanos, não parece ter havido qualquer mudança perceptível – o número de projetos permaneceu baixo ao longo dos anos. O México e a Índia parecem ter se beneficiado mais da perda de importância da China do que o Vietnã. No caso dos investimentos japoneses, taiwaneses e sul-coreanos, há indícios de que o Vietnã foi um dos principais beneficiários da queda na participação da China. A participação do país dá um salto em 2014-2016 e, novamente, em 2023-2024.

Para concluir, vale a pena observar o comportamento do investimento chinês (gráfico 12). Houve um aumento do IDE chinês na Índia entre 2015 e 2019, porém revertido no período pós-pandêmico. Quem mais se beneficiou desta retração foram o Vietnã e o México, que se tornaram os principais destinos de projetos *greenfield* de empresas industriais chinesas em anos recentes.²⁸ Como enfatizado por Nguyen (2023), as boas relações do Vietnã com os Estados Unidos oferecem às empresas chinesas uma zona neutra (*buffer zone*) em meio ao endurecimento das políticas ocidentais visando à redução da dependência da estrutura industrial chinesa.

GRÁFICO 12

Projetos de IDE *greenfield* da China em indústria de transformação (2008-2024)

(Em unidades)

Fonte: FDI Markets. Disponível em: <https://www.fdimarkets.com>.

Elaboração do autor.

Obs.: Os valores apresentados nas células abaixo do gráfico indicam a participação percentual de países selecionados no total de projetos oriundos da China e destinados a este conjunto de países no referido ano.

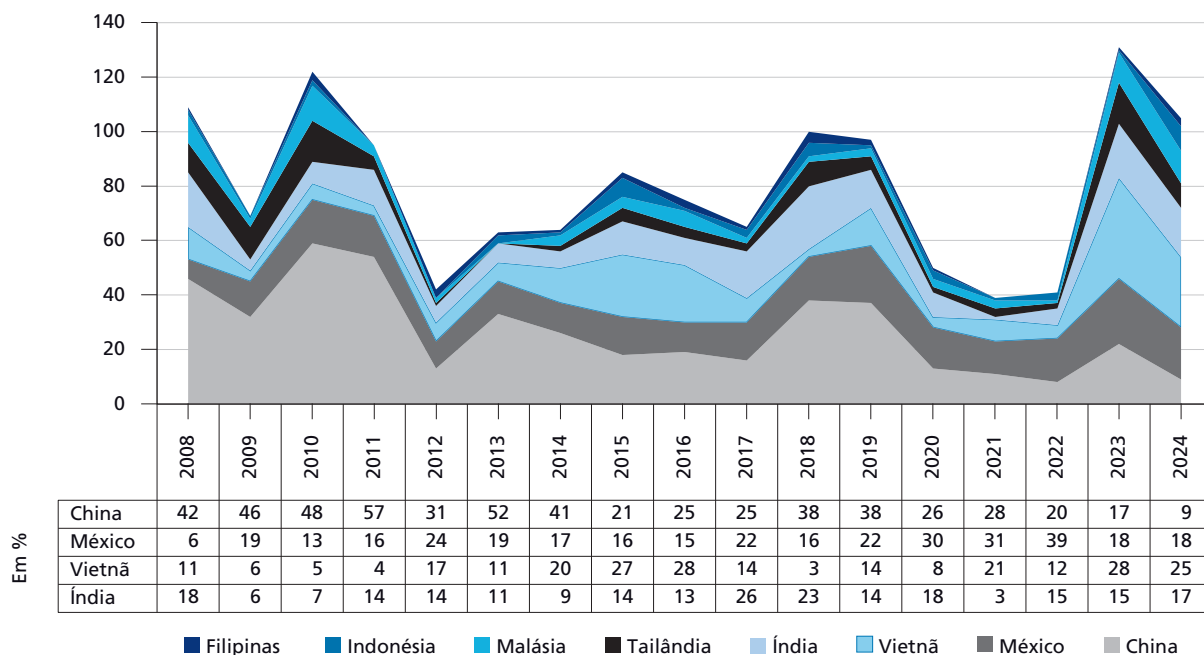
O gráfico 13 reforça a percepção anterior, focando a indústria de componentes eletrônicos. Fica evidente a tendência de queda no número de projetos direcionados à China, com aumento na participação de outros países – no biênio 2023-2024, a base FDI Markets registra 31 anúncios de projetos na China, 43 no México e 63 no Vietnã.

28. Isso é corroborado pelas estatísticas oficiais do Vietnã, que revelam que em 2024 foram registrados 3.375 novos projetos de IDE no país, sendo a China o país com mais projetos (955), bem à frente de Singapura (462), Coreia do Sul (410), Hong Kong (379), Japão (270) e Taiwan (187). Apesar disso, o montante envolvido nos projetos chineses – US\$ 4,7 bilhões – é menor do que nos singapurenses (US\$ 10,2 bilhões) e sul-coreanos (US\$ 7,1 bilhões), indicando assim que se trata, na média, de projetos de menor envergadura (Vietnam, 2025).

GRÁFICO 13

Projetos de IDE *greenfield* de todas as origens em indústria de componentes eletrônicos (2008-2024)

(Em unidades)

Fonte: FDI Markets. Disponível em: <https://www.fdimarkets.com>.

Elaboração do autor.

Obs.: Os valores apresentados nas células abaixo do gráfico indicam a participação percentual de países selecionados no total de projetos na indústria de componentes eletrônicos neste conjunto de países no referido ano.

Em suma, há evidências de que o Vietnã foi um dos maiores – se não o maior – beneficiários da guerra comercial entre Estados Unidos e China. O país aumentou sua participação nos fluxos comerciais, efetivamente atuando como conector entre a Ásia – a China, em particular – e os Estados Unidos. Há também evidências de maior adição de valor no país, o que sugere o início de sua ascensão nas CGVs, especialmente nas de produtos eletrônicos.²⁹ O Vietnã também parece ter sido um dos principais contemplados pelo redirecionamento dos fluxos de IDE dentro da Ásia e também tem se tornado um destino preferencial de firmas chinesas que buscam evitar as tarifas aplicadas pelos Estados Unidos. Um único senão – se assim pode se dizer – é o aumento da dependência do Vietnã em relação ao mercado americano: em 2022, os Estados Unidos foram o destino de 29,5% das exportações do país, um aumento de mais de 10 pontos percentuais em relação a 2017 (19,31%).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo central investigar se o Vietnã foi um dos maiores – ou mesmo o principal – beneficiários da guerra comercial e tecnológica travada entre os Estados Unidos e a China a partir de 2018. Antes disso, porém, o artigo repassou, brevemente, o histórico recente das relações políticas do Vietnã com as duas potências, assim como apresentou alguns fatos e números a respeito

29. Conforme análise econométrica da estrutura de importações dos Estados Unidos feita por Alfaro e Chor (2023), os ganhos de fatia de mercado (*market share*) do Vietnã em detrimento da China, entre 2017 e 2022, foram maiores em setores menos intensivos em trabalho e mais a montante da cadeia (*upstream*), o que seria um indicio de mudança no padrão de inserção do país nas CGVs. Em comparação, os ganhos obtidos pelo México foram na direção oposta – maiores em setores mais intensivos em trabalho e mais a jusante da cadeia (*downstream*).

do desempenho econômico do país após a adoção do *Đổi Mới*. A partir dos dados apresentados, que abrangem desde estatísticas comerciais e de IDE até os níveis de emprego e de valor adicionado na indústria de produtos eletrônicos, chegou-se à conclusão de que o Vietnã de fato pode ser considerado um dos que mais ganharam – talvez o que mais tenha ganhado, até o momento – com aquela disputa. Diferentemente do México, por exemplo, que, a despeito de ter aumentado o valor de suas exportações para os Estados Unidos, parece não ter passado por uma mudança qualitativa em sua inserção comercial (Alfaro e Chor, 2023), existem indícios de que o Vietnã deu os primeiros passos ascendentes no interior das CGVs, especialmente nas de produtos eletrônicos.

Entretanto, o *status* de ganhador é provisório. A depender dos desdobramentos da guerra comercial retomada e intensificada pelo novo governo Trump, as vantagens competitivas logradas pelo país podem se esvaír.

Cabe lembrar que o movimento em direção ao Vietnã de EMNs que exportam para os Estados Unidos – tanto americanas como de outros países – foi impulsionado pela guerra comercial iniciada pelo primeiro governo Trump e não revertida pelo governo Biden. Portanto, uma vantagem comparativa adquirida pelo Vietnã *vis-à-vis* a China é justamente a possibilidade de acessar o mercado americano sem pagar as tarifas aplicadas às importações oriundas da China. Contudo, a cacofonia de medidas anunciadas nas primeiras semanas do segundo mandato de Trump traz dúvidas sobre os prospectos acerca da manutenção dessa vantagem comparativa. Tarifas têm sido usadas não apenas como medida de política comercial – ao contrário, têm servido também como instrumento punitivo em um sem-número de questões não relacionadas ao comércio.³⁰ Por ser um país com elevado superávit comercial com os Estados Unidos – o terceiro maior no mundo – o Vietnã pode vir a se tornar um alvo prioritário, caso esta política seja efetivamente posta em prática. Cabe lembrar que, em 2019, após ameaçar aplicar novas tarifas de importação à China, Trump chegou a sugerir que o Vietnã, que ele chamou de “praticamente o pior abusador de todos” (Lakshmi, 2024, tradução nossa),³¹ poderia ser a próxima vítima de sua política comercial. Em outra ocasião, Trump afirmou que “o Vietnã leva vantagem sobre nós de um jeito ainda pior do que a China”³² (Lakshmi, 2024, tradução nossa).

A crescente imbricação entre as economias do Vietnã e da China, seja por conta dos investimentos diretos chineses, seja pelas compras no país vizinho de insumos usados nos bens manufaturados no Vietnã e exportados para os Estados Unidos, também pode turvar as percepções das autoridades americanas sobre as estratégias empresariais *China plus one*, com o Vietnã passando a ser visto como mera extensão da grande fábrica do mundo. Após o início da guerra comercial, muitos bens fabricados na China passaram a ser desviados para o Vietnã e de lá reexportados de forma a contornar as tarifas americanas. Chegou-se, inclusive, a verificarem-se diversos casos de aplicação de rótulos “*made in Vietnam*” (“fabricado no Vietnã”) fraudulentos em produtos chineses exportados para os Estados Unidos (Hanoi..., 2019). Uma forma de, possivelmente, amenizar o risco de imagem seria ascender

30. De fato, assim que assumiu, Trump ameaçou o México e o Canadá com tarifas generalizadas de 25%, que foram pouco depois suspensas após negociações sobre controle de fronteiras com os dois países para prevenir o tráfico de drogas e a imigração ilegal. Também sob a justificativa de o país não combater o tráfico de fentanil para os Estados Unidos, Trump anunciou um aumento de 10 pontos percentuais nas alíquotas de importação de produtos oriundos da China (Mann, 2025). Posteriormente, anunciou alíquotas de 25% sobre as importações de aço e alumínio, independentemente da origem (Holland, Lawder e Shalal, 2025). Ameaças de imposição de tarifas similares foram feitas a outros segmentos, como automóveis, produtos farmacêuticos e semicondutores (Shalal e Bose, 2025). Trump também tem frequentemente ameaçado adotar políticas de reciprocidade tarifária, aplicando aos parceiros comerciais as mesmas alíquotas que estes aplicam aos Estados Unidos (Holland, Lawder e Shalal, 2025).

31. No original: “almost the single worst abuser of everybody”.

32. “Vietnam takes advantage of us even worse than China”.

nas cadeias de valor – com maior agregação de valor no país, o Vietnã estaria menos propenso a ser acusado de ser um mero entreposto de bens fabricados na China.

Também não está claro se estratégias do tipo *friendshoring* serão suficientes para aplacar os ânimos de parcelas substantivas da população de democracias ocidentais que passaram ou estão passando por processos acelerados de desindustrialização. Há abundante evidência na literatura (Colantone e Stanig, 2018; Autor *et al.*, 2020; Backes e Mueller, 2024) relacionando a perda de empregos industriais, especialmente do tipo *blue collar* (chão de fábrica), à ascensão de líderes populistas ancorados em discursos xenófobos. Nesse sentido, a substituição de produtos *made in China* por outros *made in Vietnam* pode não ser suficiente para melhorar a imagem de marcas diante de consumidores aderentes ao discurso nacionalista.

Outra incógnita diz respeito às reações futuras do governo Trump às pretensões expansionistas do grupamento BRICS. Na cúpula ocorrida em 2023, cinco novos membros foram anunciados: Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã.³³ Na cúpula de 2024, foi aprovado o convite, sob a condição de parceiros, a treze novas nações, entre as quais a Indonésia, a Malásia, a Tailândia e o Vietnã (Oliveira, 2024). Em janeiro de 2025, a Indonésia elevou seu *status* tornando-se membro pleno do grupo, enquanto a Malásia e a Tailândia foram confirmadas como “parceiros”. O Vietnã, embora convidado, mantém-se reticente, apesar do apoio vindo especialmente da Rússia, uma vez que os benefícios podem não compensar os riscos de contrariar os Estados Unidos ao aderir a um bloco comumente visto como anti-hegemônico (Ghosal, 2025; Siow, 2025).

Por fim, deve-se mencionar que, desde o início de 2024, o Vietnã perdeu seu principal instrumento de atração – e de retenção – de IDE, uma vez que aderiu ao acordo internacional que estabelece a cobrança de um mínimo de 15% de imposto de renda sobre as empresas. Segundo um relatório preparado pelo governo, 122 empresas estrangeiras enfrentariam aumentos expressivos em seus custos tributários, entre elas a Samsung, maior investidora estrangeira no Vietnã – em 2019, a empresa sul-coreana pagou alíquota efetiva de apenas 5,1% em uma das províncias vietnamitas na qual possui operações (Vu e Guarascio, 2023). No entanto, para mitigar a perda de competitividade, o governo do Vietnã emitiu, em 31 de dezembro de 2024, o Decreto nº 182, que trata do estabelecimento, gestão e utilização do Fundo de Apoio ao Investimento, instrumento que será usado para subsidiar centros de P&D e empreendimentos em áreas de alta tecnologia.³⁴

33. A Argentina, que também foi anunciada como novo membro, acabou desistindo de ingressar no grupo após a posse do presidente Javier Milei.

34. O fundo, administrado pelo Ministério do Planejamento e Investimento, oferece dois tipos de apoio: apoio ao investimento inicial e apoio de custo. As empresas elegíveis podem escolher apenas um dos tipos, porém podem receber mais de uma modalidade de apoio de custo, caso atendam aos requisitos. A princípio o prazo de concessão do benefício é de cinco anos, porém este pode ser estendido por decisão do primeiro-ministro. Empresas investindo em projetos de centros de P&D em setores como semicondutores e inteligência artificial podem receber suporte de até 50% dos custos iniciais do projeto. São elegíveis ao apoio de custo empresas de alta tecnologia, empresas que atuam na manufatura de bens de alta tecnologia e empresas com projeto de centro de P&D, desde que atendam a critérios específicos. O apoio será dado na forma de transferência monetária e poderá ser usado para cobrir custos com treinamento e desenvolvimento de recursos humanos locais (até 50%), investimento em infraestrutura social (até 25%), atividades de P&D (dependendo dos gastos totais com P&D, pode ser de até 20-30% para empresas *high-tech* e empresas com projetos *high-tech*, 10-20% para empresas investindo em centros de P&D, 1-10% empresas com projetos de manufatura de produtos *high-tech*), investimentos em ativos fixos (dependendo do valor e do tipo de empresa, pode variar entre 1% e 10%) e manufatura de produtos de alta tecnologia (que podem chegar a 3% no caso de empresas que produzem semicondutores, circuitos integrados ou em *datacenters* de inteligência artificial) (Vietnam..., 2025).

REFERÊNCIAS

- AGENT Orange: US to clean up Vietnam War air base. **BBC**, 20 Apr. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-48000185>.
- AIYAR, S.; MALACRINO, D.; PRESBITERO, A. Investing in friends: the role of geopolitical alignment in FDI flows. **European Journal of Political Economy**, v. 83, 2024.
- ALFARO, L.; CHOR, D. **Global supply chains: the looming “great reallocation”**. Cambridge, United States: NBER, 2023. (Working Paper, n. 31661).
- ASSELIN, P. **Hanoi’s Road to the Vietnam War, 1954-1965**. Berkeley: University of California Press, 2013.
- _____. **Vietnam’s American War: a new history**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.
- ATHUKORALA, P. Trade policy reforms and the structure of protection in Vietnam. **The World Economy**, v. 29, n. 2, p. 161-187, 2006.
- AUTOR, D. *et al.* Importing political polarization? The electoral consequences of rising trade exposure. **American Economic Review**, v. 110, n. 10, p. 3139-3183, 2020.
- BACKES, A.; MUELLER, S. Import shocks and voting behavior in Europe revisited. **European Journal of Political Economy**, v. 83, 2024.
- BAI, J. *et al.* **Quid pro quo, knowledge spillover, and industry quality upgrades: evidence from Chinese auto industry**. Washington, DC: NBER, 2023. (Working Paper, n. 27644).
- BARNES, M. Progress report: Vietnam’s response to the global minimum tax. **Vietnam Briefing**, 5 May 2023. Disponível em: <https://www.vietnam-briefing.com/news/global-minimum-tax-vietnam.html>.
- BOWN, C. **US-China trade war tariffs: an up-to-date chart**. Washington, DC: PIIE, 12 Apr. 2023. (PIIE Charts). Disponível em: <https://www.piie.com/research/piie-charts/2019/us-china-trade-war-tariffs-date-chart>.
- BRADLEY, M. **Vietnam at war: the search for meaning in America’s War in Vietnam**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- CHERIF, R.; HASANOV, F. **The return of the policy that shall not be named: principles of industrial policy**. Washington, DC: IMF, 2019. (Working Paper, n. 19/74).
- COLANTONE, I.; STANIG, P. The trade origins of economic nationalism: import competition and voting behavior in Western Europe. **American Journal of Political Science**, v. 62, n. 4, p. 936-953, 2018.
- CURRAN, E. *et al.* These five economies are key economic “connectors” in a fragmenting world. **Businessweek**, 6 Nov. 2023.
- CYRILL, M. Samsung’s US\$ 1.8 billion investment to boost Vietnam’s OLED manufacturing capacity. **Vietnam Briefing**, 23 Sep. 2024. Disponível em: <https://www.vietnam-briefing.com/news/samsungs-us-1-8-billion-investment-to-boost-vietnams-oled-manufacturing-capacity.html>.
- DUC, N. Samsung Vietnam: where dreams come true. **Vietnam Investment Review**, 19 June 2023. Disponível em: <https://vir.com.vn/samsung-vietnam-where-dreams-come-true-102739.html>.
- DUC, T. Vietnam remains Samsung’s key hub for manufacturing, R&D. **The Investor**, 15 Aug. 2024. Disponível em: <https://theinvestor.vn/vietnam-remains-samsungs-key-hub-for-manufacturing-rd-d11790.html>.
- EYERMAN, R.; MADIGAN, T.; RING, M. **Vietnam: a war, not a country**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2023.
- GHOSAL, A. Russia says it will help Vietnam become a “partner country” in the BRICS bloc of developing nations. **Associated Press**, 15 Jan. 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/russia-vietnam-trump-brics-991141710d97d1eb997a673409a0855d>.

GROSSMAN, D.; ORNER, P. Tracking Chinese perceptions of Vietnam's relations with China and the United States. **Asia Policy**, v. 16, n. 2, p. 103-127, 2021.

HA, H. Vietnam rethinks scepticism of China's Belt and Road Initiative as Laos, Cambodia reap benefits. **South China Morning Post**, 17 Dec. 2023. Disponível em: <https://www.scmp.com/week-asia/opinion/article/3245228/vietnam-rethinks-scepticism-chinas-belt-and-road-initiative-laos-cambodia-reap-benefits>.

HA, T.; HIEN, N. Number of Vietnamese Samsung suppliers increases 10-fold. **Tuoi Tre News**, 4 Mar. 2023. Disponível em: <https://tuoitrenews.vn/news/business/20230304/number-of-vietnamese-samsung-suppliers-increases-10fold/71945.html>.

HAI, A. Vietnam parliament approves \$8 billion railway with loan from China. **VOA News**, 19 Feb. 2025. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/vietnam-parliament-approves-8-billion-railway-with-loan-from-china/7981524.html>.

HANOI struggles to curb fake "Made in Vietnam" goods. **Tuoi Tre News**, 15 Nov. 2019. Disponível em: <https://tuoitrenews.vn/news/business/20191115/hanoi-struggles-to-curb-fake-made-in-vietnam-goods/51881.html>.

HIEP, T.; KIET, L.; YEN, P. Strategic hedging in Southeast Asia: ASEAN member States' policy response to China's growing economic influence. **Contemporary Chinese Political Economy and Strategic Relations: an International Journal**, v. 9, n. 2-3, p. 404-438, 2023.

HILL, H. The political economy of policy reform: insights from Southeast Asia. **Asian Development Review**, v. 30, n. 1, p. 108-130, 2013.

HIRSCHMAN, C.; PRESTON, S.; LOI, V. Vietnamese casualties during the American war: a new estimate. **Population and Development Review**, v. 21, n. 4, p. 783-812, 1995.

HOLLAND, S.; LAWDER, D.; SHALAL, A. Trump raises tariffs on aluminium, steel imports in latest trade war salvo. **Reuters**, 11 Feb. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/markets/asia/eu-steelmakers-shares-fall-after-trump-escalates-tariffs-2025-02-10/>.

HUNT, M. **A Vietnam war reader: a documentary history from American and Vietnamese perspectives**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.

ISEAS – YUSOF ISHAK INSTITUTE. **The state of Southeast Asia: 2019 survey report**. Singapore: Iseas Yusof Ishak Institute, 2019.

_____. **The state of Southeast Asia: 2024 survey report**. Singapore: Iseas Yusof Ishak Institute, 2024.

JIANG, K. *et al.* International joint ventures and internal technology transfer vs. external technological spillovers: evidence from China. **Journal of International Economics**, v. 150, 2024.

JOSEPH, A. **Teaching the war: what the Vietnamese government wants students to learn about the American-Vietnam war**. Brattleboro: SIT, 2008. (ISP Collection, n. 593). Disponível em: https://digitalcollections.sit.edu/isp_collection/593.

KIEN, T.; HEO, Y. Doi Moi policy and socio-economic development in Vietnam, 1986-2005. **International Area Review**, v. 11, n. 1, p. 205-232, 2008.

LAKSHMI, A. Why Vietnam risks ending up a big loser from Donald Trump's tariffs. **Financial Times**, 17 Nov. 2024. Disponível em: <https://www.ft.com/content/4f9f11dd-2278-49a6-9e70-b87916667fbc>.

LANG, T. **The effect Samsung has on the economy of Vietnam**. Hanoi: Viettonkin Consulting, 2022. Disponível em: <https://www.viettonkinconsulting.com/general/the-effect-samsung-has-on-the-economy-of-vietnam>.

LE, D. Vietnam has some of the lowest labor costs and average business setup expenses in Asia. **In Corp Business Blogs**, 14 Nov. 2024. Disponível em: <https://vietnam.incorp.asia/vietnam-labor-cost>.

- LE, H. The Belt and Road Initiative in Vietnam. *In*: NIDS – NATIONAL INSTITUTE FOR DEFENSE STUDIES. **NIDS ASEAN workshop 2019 “China’s BRI and ASEAN”**. Tokyo: Nids, 2019. p. 75-87. (Nids Joint Research Series, n. 17). Disponível em: https://www.nids.mod.go.jp/english/publication/joint_research/series17/.
- LEUNG, S. Vietnam wires into global electronics. **East Asia Forum**, 22 Oct. 2022. Disponível em: <https://www.eastasiaforum.org/2022/10/25/vietnam-wires-into-global-electronics>.
- LIM, D. **Export and FDI-driven industrialization strategy and employment in Viet Nam**. Hanoi: Ministry of Labour, Invalids and Social Affairs; ILO, 2011.
- LOCAL firms to make 144 Samsung components. **Vietnam+**, 18 Dec. 2014. Disponível em: <https://en.vietnamplus.vn/local-firms-to-make-144-samsung-components-post69638.vnp>.
- LUU, C. Vietnamese suppliers to become part of Samsung’s global value chain. **Vietnam Investment Review**, 16 Feb. 2023. Disponível em: <https://vir.com.vn/vietnamese-suppliers-to-become-part-of-samsungs-global-value-chain-99735.html>.
- MAI, L.; POLING, G.; QUITZON, J. **An indispensable upgrade: the U.S.-Vietnam comprehensive strategic partnership**. Washington, DC: CSIS, 2024. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/indispensable-upgrade-us-vietnam-comprehensive-strategic-partnership>.
- MANN, B. Trump used fentanyl to justify tariffs, but the crisis was already easing. **npr**, 2 Feb. 2025. Disponível em: <https://www.npr.org/2025/02/02/nx-s1-5283957/fentanyl-trump-tariffs-china-canada-mexico>.
- MENDONÇA, M.; LOPES FILHO, C.; OLIVEIRA, J. A nova rota da seda e a projeção econômica internacional da China: redes de financiamento e fluxos de investimento externo direto (IED). **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 31, p. 9-37, 2021.
- MORAES, R. **A ascensão naval chinesa e as disputas territoriais marítimas no Leste Asiático**. Brasília: Ipea, 2015. (Texto para Discussão, n. 2058).
- NGOC, N. The transition process of Vietnam’s trade policy from closed economy to “servicification” economy. **Studia i Prace**, n. 53, v. 2, p. 295-310, 2018.
- NGUYEN, K. Xi Jinping in Hanoi: courting for a common destiny? **Fulcrum**, 18 Dec. 2023. Disponível em: <https://fulcrum.sg/xi-jinping-in-hanoi-courting-for-a-common-destiny>.
- OBERMEYER, Z.; MURRAY, C.; GAKIDOU, E. Fifty years of violent war deaths from Vietnam to Bosnia: analysis of data from the world health survey programme. **BMJ**, v. 336, n. 1.492, 2008.
- OLIVEIRA, E. Líderes do BRICS aprovam ingresso de 13 países no grupo na condição de “parceiros”. **O Globo**, 23 out. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/10/23/lideres-do-brics-aprovam-ingresso-de-13-paises-no-grupo-na-condicao-de-parceiros.ghtml>.
- PATTERSON, S. Q1 2017 smartphone shipments: Samsung rebounds, Apple goes sideways, Chinese makers roar. **Networkworld**, 28 Apr. 2017. Disponível em: <https://www.networkworld.com/article/962956/q1-2017-smartphone-shipments-samsung-rebounds-apple-goes-sideways-chinese-makers-roar.html>.
- PERKINS, D.; ANH, V. **Vietnam’s industrial policy: designing policies for sustainable development**. Hanoi: UNDP, 2009.
- PHAN, X.; TO, M. What’s behind Vietnam’s “Bamboo Diplomacy” discourse? **Fulcrum**, 22 July 2022. Disponível em: <https://fulcrum.sg/whats-behind-vietnams-bamboo-diplomacy-discourse>.
- PINTO, E.; CORRÊA, L. Cadeias globais de valor e desenvolvimento: o caso do Vietnã. **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 17, p. 89-107, 2014.

- RITTER, Z.; RAY, J. China vs. U.S.: who's winning hearts and minds? **Gallup**, 6 May 2024. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/644753/china-winning-hearts-minds.aspx>.
- RYNHART, G.; CHANG, J.; HUYNH, P. **ASEAN in transformation: electrical and electronics – on and off the grid**. Geneva: ILO, 2016.
- SCHWENKEL, C. **The American war in contemporary Vietnam: transnational remembrance and representation**. Bloomington: Indiana University Press, 2009.
- SHALAL, A.; BOSE, N. Trump says he will introduce 25% tariffs on autos, pharmaceuticals and chips. **Reuters**, 19 Feb. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/autos-transportation/trump-auto-tariff-rate-will-be-around-25-2025-02-18>.
- SHARMA, A. Apple's production strategy in Vietnam. **Vietnam Briefing**, 25 June 2024. Disponível em: <https://www.vietnam-briefing.com/news/apples-production-strategy-in-vietnam.html>.
- SHOJI, T. Vietnam's China policy: deference and check. **Sasakawa Peace Foundation**, 13 Mar. 2024. Disponível em: https://www.spf.org/iina/en/articles/shoji_19.html.
- SILVER, L. **How people in Asia-Pacific view China**. Washington, DC: Pew Research Center, 16 Oct. 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2017/10/16/how-people-in-asia-pacific-view-china>.
- SLOW, M. Vietnam's strategic hesitation on BRICS highlights delicate US ties and economic considerations. **South China Morning Post**, 3 Jan. 2025. Disponível em: <https://www.scmp.com/week-asia/politics/article/3293207/vietnams-strategic-hesitation-brics-highlights-delicate-us-ties-and-economic-considerations>.
- STURGEON, T.; ZYLBERBERG, E. Vietnam's evolving role in ICT global value chains. *In*: HOLLWEG, C.; SMITH, T.; TAGLIONI, D. (Ed.). **Vietnam at a crossroads: engaging in the next generation of global value chains**. Washington, DC: World Bank, 2017.
- THOBURN, J. Vietnam as a role model for development. *In*: FOSU, A. (Ed.). **Achieving development success: strategies and lessons from the developing world**. Oxford, United Kingdom: Oxford Academic Press, 2013.
- TRAN, T. T. Vietnam's relations with China and the US and the role of ASEAN. *In*: NIDS – NATIONAL INSTITUTE FOR DEFENSE STUDIES. **Security outlook of the Asia Pacific Countries and its implications for the defense sector**. Tokyo: Nids, 2015. p. 87-95. (Nids Joint Research Series, n. 14). Disponível em: https://www.nids.mod.go.jp/english/publication/joint_research/series14/.
- VIETNAM. Ministry of Planning and Investment. **FDI attraction situation in Vietnam and Vietnam's overseas investment in 2024**. Hanoi: MPI, 6 Jan. 2025. (Report). Disponível em: <https://www.mpi.gov.vn/en/Pages/2025-1-14/FDI-attraction-situation-in-Vietnam-and-Vietnam-s-ehsopf.aspx>. Acesso em: 15 maio 2025.
- VIETNAM enacts decree on establishment, management and use of Investment Support Fund. **Ernst & Young Global Tax News**, 10 Jan. 2025. Disponível em: <https://globaltaxnews.ey.com/news/2025-0205-vietnam-enacts-decree-on-establishment-management-and-use-of-investment-support-fund>.
- VU, K.; GUARASCIO, F. Vietnam Parliament approves global minimum corporate tax, delays offsets. **Reuters**, 29 Nov. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/asia-pacific/vietnam-parliament-approves-global-minimum-corporate-tax-2023-11-29>.
- VU, V.; SOONG, J.; NGUYEN, K. Vietnam's perceptions and strategies toward China's Belt and Road Initiative expansion: hedging with resisting. **The Chinese Economy**, v. 54, n. 1, p. 56-68, 2021.
- WADE, R. Japan, the World Bank, and the art of paradigm maintenance: the East Asian miracle in political perspective. **New Left Review**, n. 217, p. 3-36, 1996.
- WALKER, T. Agente Laranja: o legado fatídico dos EUA no Vietnã. **DW**, 30 abr. 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/agente-laranja-o-legado-fat%C3%ADico-dos-eua-no-vietn%C3%A3/a-18421288>.

WHITEMAN, H. How an oil rig sparked anti-China riots in Vietnam. **CNN**, 19 May 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/05/19/world/asia/china-vietnam-islands-oil-rig-explainer/index.html>.

WU, S. China and the US both want to “friendshore” in Vietnam. **Atlantic Council: Sinographs**, 26 June 2024. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/econographics/sinographs/china-and-the-us-both-want-to-friendshore-in-vietnam>.

WYCK, J. *et al.* **Harnessing the tectonic shifts in global manufacturing**. Boston: Boston Consulting Group, 2023. Disponível em: <https://www.bcg.com/publications/2023/harnessing-tectonic-global-shift-in-manufacturing>.

ZEBERLEIN, J. Vietnam and the four nos: how Chinese actions in the South China Sea influence Vietnam’s hedging strategy. **Naval War College Review**, v. 77, n. 1, 2024.